

ILUSTRAÇÃO

N.º 209 — 9.º ano



O monumento a Camões que foi inaugurado na Praça Portugal, de Vigo



O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral, reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências,
das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina
e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, **NUM ÚNICO VOLUME**, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, Rua Garrett, 73 — Lisboa

USE O CREME

Rainha da Hungria

INDISPENSÁVEL PARA
A BELEZA DA PELE

DA-LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE

M. CAMPOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

ALEXANDRE HERCULANO

**Scenas de um anno
da minha vida**

*E APONTAMENTOS
DE VIAGEM*

Coordenação e prefácio
DE
Victorino Nemésio

1 vol. de 324 págs., broc.
12\$00
encad. **17\$00**
Pelo correio á cobrança,
mais **2\$00**

Pedidos à
Livraria Bertrand
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa
Preços de assinatura - Em virtude do aumento dos portes
do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



**OS PERCEVEJOS
tornam a noite um
PEZADELO**

... mate-os com FLIT

A mordedura do percevejo é intensamente dolorosa; peor ainda é o perigo que tal mordedura nos oferece, transmitindo o contágio das doenças de uma para outras casas. A caça ao percevejo é difícil, tornando-se impossível se não empregarmos o FLIT. - recuse todas as imitações. O FLIT pulverizado não mancha, Exija a lata amarela com o soldado e a faixa preta.



Exija FLIT
RECUSE TODAS AS SUBSTITUIÇÕES

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes - Vogue - Femina - Les Enfants - Lingerie - Les Ouvrages - Les Tricots - Modes et Travaux - Mode Future - Weldon's Ladies Journal - The Lady Fashion Book - Die Dame, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Acceptam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 73 - LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

Livros escolares de consulta e instrução

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

ALGEBRA ELEMENTAR, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 296 páginas..... 13\$00

ARITMÉTICA PRÁTICA, por *Cunha Rosa*—1 vol. de 384 págs..... 13\$00

DESENHO LINEAR GEOMÉTRICO, por *Cunha Rosa*—1 vol. de 192 págs., com 292 gravuras..... 12\$00

ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE, por *João Ribeiro Cristino da Silva*—1 volume de 709 págs., com 641 grav. 25\$00

ELEMENTOS DE MECÂNICA, por *Eugénio Estanislau de Barros*—1 vol. de 230 págs., com 141 grav..... 12\$00

ELEMENTOS DE METALURGIA, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 424 págs., com 121 grav. 20\$00

ELEMENTOS DE MODELAÇÃO, por *Joseph Fuller*—1 volume de 150 págs., com 69 grav. e 30 estampas..... 12\$00

ELEMENTOS DE PROJECCÕES, por *João António Piloto*—1 vol. de 405 págs., com 351 grav..... 18\$00

ELEMENTOS DE QUÍMICA, pela Direcção da *Biblioteca de Instrução Profissional*—1 vol. de 330 págs., com 73 gravuras..... 15\$00

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL, por *Severiano Ivens Ferraz*—1 vol. de 188 págs..... 12\$00

FÍSICA ELEMENTAR, por *Mário Valdez Bandeira*—1 vol. de 304 páginas, com 241 gravuras..... 15\$00

GEOMETRIA PLANA E NO ESPAÇO, por *A. Cunha Rosa*—1 volume de 396 págs., com 273 grav..... 15\$00

O LIVRO DE PORTUGUÊS, por *António Baião*—1 vol. de 220 págs..... 12\$00

MECÂNICA

DESENHO DE MÁQUINAS, por *Tomaz Bordalo Pinheiro*..... 30\$00

MATERIAL AGRÍCOLA, por *H. Francem da Silveira*—1 volume de 270 páginas, com 208 gravuras..... 15\$00

NOMENCLATURA DE CALDEIRAS E MÁQUINAS DE VAPOR, por *António Joaquim de Lima e Santos*—1 volume de 280 páginas, com 423 gravuras 15\$00

PROBLEMAS DE MÁQUINAS, por *António Joaquim de Lima e Santos*—1 volume de 400 páginas, com 170 gravuras..... 18\$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

ACABAMENTOS DAS CONSTRUÇÕES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—

1 volume de 340 páginas, com 162 gravuras..... 17\$00

ALVENARIA E CANTARIA, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 280 páginas, com 337 gravuras..... 15\$00

CIMENTO ARMADO, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 632 págs., com 351 gravuras..... 25\$00

EDIFICAÇÕES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 260 páginas, com 191 gravuras..... 15\$00

ENCANAMENTOS E SALUBRIDADE DAS HABITAÇÕES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 300 páginas, com 157 gravuras..... 15\$00

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 440 páginas, com 268 gravuras..... 20\$00

TERRAPLENAGENS E ALICERCES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 230 páginas, com 230 gravuras..... 15\$00

TRABALHOS DE CARPINTARIA CIVIL, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 400 páginas, com 448 gravuras..... 20\$00

TRABALHOS DE SERRALHARIA CIVIL, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 360 páginas, com 442 gravuras..... 18\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

CONSTRUÇÃO NAVAL, IV volume *Construção de navios de ferro*, por *Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas*—1 volume de 148 páginas, com 298 gravuras formato 16 x 22..... 12\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL, V vol. (*Armamento e acessórios dos navios de ferro*), por *Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas*—1 volume de 130 páginas, com 138 gravuras, formato 16 x 22..... 12\$00

MANUAIS DE OFÍCIOS

CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS, por *António Augusto Mendonça Taveira*—1 volume de 670 páginas com 715 gravuras..... 25\$00

CONDUTOR DE MÁQUINAS, (*Nova edição refundida*)—1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 estampas..... 25\$00

FABRICANTE DE TECIDOS, por *José Maria de Campos Melo*—1 volume de 608 páginas, com 342 grav..... 25\$00

FERREIRO—1 volume de 238 páginas, com 155 gravuras e 34 estampas... 15\$00

FOGUEIRO, por *Antonio Mendes Barata e Raúl Boaventura Real*—1 volume de 384 páginas, com 318 gravuras... 18\$00

FORMADOR E ESTUCADOR, por *Joseph Fuller*—1 volume de 196 páginas, com 66 gravuras..... 12\$00

FOTÓGRAFO, por *Antero Dâmaso das Neves*—1 volume de 204 páginas, com 31 gravuras..... 12\$00

FUNDIDOR, por *Henrique Francem da Silveira*—1 volume de 232 páginas, com 164 gravuras..... 15\$00

GALVANOPLASTIA, por *André Brochet*, tradução de *Manuel Véres*—1 volume de 400 páginas, com 148 gravuras 18\$00

MARCENEIRO, por *José Pedro dos Reis Colares*—1 volume de 378 páginas, com 299 gravuras e 97 estampas..... 20\$00

MOTORES DE EXPLOSAO, por *António Mendes Barata*—1 volume de 450 páginas, com 368 gravuras..... 20\$00

NAVEGANTE, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 308 páginas, com 139 gravuras..... 15\$00

PILOTAGEM, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 360 páginas, com 119 gravuras..... 17\$00

SERRALHARIA MECÂNICA, por *João Sequeira de Castro*—1 volume de 412 páginas, com 395 gravuras..... 20\$00

TOPOGRAFIA E AGRIMENSURA, pelo *capitão Guedes Vaz e tenente Mousinho de Albuquerque*—1 volume de 362 páginas, com 238 gravuras..... 18\$00

TORNEIRO E FREZADOR MECÂNICOS, por *João Sequeira de Castro*—1 volume de 307 páginas, com 372 gravuras..... 17\$00

VOCABULÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS, por *Raul Boaventura Real*—1 volume de 558 páginas..... 30\$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

INDÚSTRIA ALIMENTAR, por *Pedro Protes*—1 volume de 180 páginas, com 76 gravuras..... 14\$00

INDÚSTRIA DE FERMENTAÇÃO, por *Henrique Francem da Silveira*—1 volume de 180 páginas, com 72 gravuras..... 14\$00

INDÚSTRIA DE SABOES E SABONETES, por *António Rio de Janeiro*—1 volume de 100 páginas, com 26 gravuras..... 10\$00

INDÚSTRIA DO VIDRO, por *José Maria de Campos Melo*—1 volume de 232 páginas, com 111 gravuras..... 15\$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à Livraria BERTRAND | R. Garrett, 73-75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte—(2.ª edição), 1 vol enc 13,000; br. 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenhado dos caracteres e na mancha da paisagem beirada dada por largos valões, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol enc 12,000; br. 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc 12,000; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Ecay (Diário de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diário de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc 13,000; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol enc 17,000; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol br. 4\$00

Manual de Medicina Doméstica, indispensável em todas as casas (2ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina. 35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Grande successo literário:

À VENDA O 4.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS— Pan e as mulheres — As inimigas do homem - Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Gênebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Nupcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionárias do golf — Jurisconsultos de saías — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? — Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas — A dama do pijama verde — As : : : : : amigas do homem : : : : :

1 volume de 312 páginas, brochado ... 12\$00
encadernado ... 17\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de BLASCO IBAÑEZ

A adega, tradução de E. Sousa Costa — 1 vol. de 342 págs., brochado 10\$00

A cathedra, tradução de Vasco Valdez — 1 vol. de 338 págs., brochado 10\$00

Confessã de Sagunto, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 332 págs., brochado 10\$00

Por entre laranjeiras, romance, tradução de Morais Rosa — 1 vol. de 190 págs., brochado 10\$00

Flor de Maio, romance, tradução de Joaquim dos Anjos e Mario Salgueiro — 1 vol. de 206 págs., brochado 10\$00

Jesuítas, sensacional romance, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 340 págs., brochado 10\$00

Os mortos mandam, novela, tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 324 págs., brochado 10\$00

Oriente, tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 256 págs., brochado 10\$00

No país da Arte, tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 274 págs., brochado 10\$00

Terras malditas, tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 234 págs., brochado 10\$00

Touros de morte, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 384 págs., brochado 10\$00

Estas obras encadernadas em percalina com ferros especiais, cada volume 15\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico.) — 1 vol. com 345 páginas, brochado 10\$00

Eurico, o presbítero (Romance). — 388 páginas, brochado 10\$00

O monge de Cister (Romance.) 2 vols. com 716 páginas, brochado 20\$00

Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado 20\$00

História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos.) 8 vols., brochado 96\$00

Estudos sobre o casamento civil — 284 páginas, brochado 10\$00

História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado 30\$00

Composições variadas — 374 páginas, brochado 10\$00

Poesias — 214 páginas, brochado 10\$00

Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado 20\$00

Opúsculos:

Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas

» II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas

» III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas

» IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas

» V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas

» VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas

» VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas

» VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas

» IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas

» X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado 10\$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado 12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



A escada da SAÚDE!

Que mais apreciarão os miúdos do que um prato de Corn Flakes KELLOGG'S servidos com leite, juntando-se-lhes frutas frescas?

Tão leves e fáceis de digerir! Não vão ao lume. Servem-se directamente do pacote para o prato.

Estes esplêndidos flocos de milho estão sempre frescos em pacotes com papel waxtite. Peça sempre ao seu fornecedor KELLOGG'S.

*A venda nos bons estabelecimentos
— em pacote verde e vermelho*

DISTRIBUIDORES:

FIGUEIRA & ALMEIDA
Rua da Madalena, 88
LISBOA

Kellogg's
CORN FLAKES

479

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O meu menino

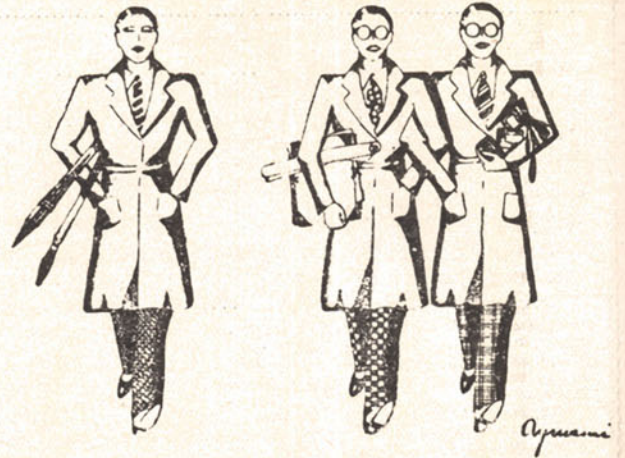
Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs.,
ilustrado,
encadernado, 17\$00;
brochado, 12\$00

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1308

BERTRAND
IRMÃOS, L.

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulver-
sações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00

■ ■

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA
Telefone 2 2074

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

DE uma viagem ao Brasil aonde foi em serviço de propaganda da importante empresa editora que administra, regressou a Lisboa o director da «Ilustração».

Não se comete exagero ao classificar de grande, e das maiores, dentro da relatividade portuguesa, a Livraria Bertrand, nem se excede a medida ao apontar a intelligencia e critério do seu orientador, como dos mais lucidos perante os problemas que á prática do officio se apresentam.

A livraria referida trabalha com centos de títulos do seu fabrico, correspondentes aos mais variados temas de artes, ciências, tecnica, ensino, vulgarização, vem a ser tudo o que a imprensa pode produzir para satisfazer as necessidades culturais de um país.

Assim postas as premissas parece bem aceitável que os negócios da casa reproduzam em imagem viva, mesmo em corpo palpável a condição do livro português. Digamos que a viagem de Artur Brandão constituiu um estudo experimental, seguro e concludente sobre o que, em país da nossa lingua, há a esperar para a produção dos nossos prélos, vem a ser, qual o crédito a inscrever no activo do nosso pensamento e acção intellectual.

Pelo observado o futuro não se divisa próspero. O livro português perde terreno no mercado que sempre lhe esteve aberto e o acolheu com a natural simpatia, proveniente de afinidades imperecíveis.

Rasões do facto muitas se descobrem, nenhuma irremediável, uma vez que aos diferentes males se oponham os necessários remédios.

Ora uma das mais fortes causas que actuam naquele sentido desastroso encontra-se na qualidade material das espécies por nós enviadas ao consumidor.

O livro português apresenta-se mal e por preço incapaz de concorrer com o brasileiro, mercê da defeituosa matéria prima com que é fabricado.

A grande lastima, origem e fundamento da ruina que espregueia a industria editora portuguesa é o papel de impressão, caro e ordinário, o pior de todo o mundo.

Não se produzem livros, jornais, revistas de aparência bela, como as encontradas nos países civilizados, entre os quais se conta o Brasil, por carência do elemento essencial que nenhum outro sofre. E a falta não provem de castigo de Deus, pois resulta pura e simples do pouco tino dos homens.

Entre nós cometeu-se o absurdo de proteger com pautas exaustivas um produto subsidiário que breve se transformou em parasita voraz e aniquilador da

CRÓNICA DA QUINZENA

indústria a que se destina, bem digna de reputar-se como sagrada dentro de qualquer país.

A produção do pensamento, a extensão da cultura collocaram-se sob a pata asfixiante de um disparate que a loucos ocorreu, o de criar sem base económica, sem lógica, nem senso comum a indústria do papel em Portugal.

Custa a perceber como se deu ovidos e auxiliou o desenvolvimento de empresas tão vesanicamente concebidas, sem temer o sacrificio de um superior e nobre interesse nacional. Ao mais rudimentar critério se oferecia ver que o papel é matéria prima, como a tinta, como a própria máquina de impressão, nunca um artigo autónomo e primário, susceptível de submeter a experiências fantasiosas, ou de deixar à mercê de improvisadores ou impostores, decididos a impôr o que a fortuna lhes concedesse.

Para bem medir a monstruosidade a que se chegou, basta apresentar o sucedido a esta publicação que dispende em cada exemplar quasi dois escudos de papel, possível de adquirir por pouco mais de metade, caso não existisse a protecção dada a papeleros que se confessam incapazes de apresentar cousa igual à que o leitor apalpa com os dedos.

Isto se sabe, isto se diz, tem-se rogado, chorado, lamentado anos sem fim com resultado nulo, por contra se erguer a razão do desemprego de duzia e meia de operários occupados no detestável fabrico. Meditem as pessoas de bom senso, se não seria de melhor proveito colectivo compensar de qualquer modo os despedidos, metendo-os noutro officio, subsidiando-os até, em vez de protelar a emenda de êrro tão nefasto. Há interesses que em vez de respeitáveis se tornam odiosos. Dêse número não é possível excluir a industria papelera portuguesa, parasitária, calamitosa para a cultura, por isso atentatória do brio e dignidade da intelligencia, pelo estôrvo que opõe a todas as suas manifestações.

Emquanto permanecer insolúvel este problema da matéria prima, não poderemos apresentar produtos comparáveis aos demais países e ser-nos-á impossível concorrer ao mercado brasileiro em condições de paridade material de mercadoria, com a dos seus nacionais.

Já o livro brasileiro começa a triunfar em Portugal sobre o livro português, mercê de apresentação e preço que o custo das matérias primas lhe oferecem.

Veja-se a miséria que o papelero está preparando ao auctor, editor, tipógrafos e outras actividades, se o despertar de um sono interminável, pernicioso não fôr immediato e seguido da brusca decisão que os factos aconselham.

Veio a público a noticia de que breve reúne uma assembleia de sábios para decidir sobre a maneira de transformar o Rossio. Será o caso de perguntar:

«Ainda mais?»

Ao pequeno número de mentes sensatas que habitam Lisboa poderia parecer que para saciar a avidez renovadora dos desassossegados de espirito bastariam as alimarias, arrebiquelárs, macaquinâncias distribuidas nas fachadas, no chão e anexos da estimável praça pela infinita facundia dos architectos e aquiescência das boas almas vereadoras que nos últimos cem anos pousaram os bentos untos nos cadeirais do Pelourinho.

Pedir mais, depois de tanto ofender a dignidade de uma obra que não se impoñdo pela magnificência, se recomendava pela decencia e harmonia das linhas, parece demasia inaceitável.

De entre a Lisboa anarquica de construcção, fora de regra ou principio organico de urbe, em que transparecesse o espirito da civitas, quer dizer uma feição material indicadora de uma entidade moral colectiva, uniforme de caracter, sómente o riscado pelo Marquez e executado segundo seu plano merecia crédito e denotava uma ideia coordenada. A Baixa era o único elemento da cidade com geito social, concorde, associativo, dentro da area vasta, coberta de casas que por este titulo se designa.

Fora dali ha aglomerados de edificios desconexos, desavindos uns com os outros, não ha cidade.

Pois dessa parte nobre que durante dois séculos se desfeiteou, menospresou, injuriou ainda se quer continuar a fazer gato sapato, metendo-a em mão de invencionistas capazes de virá-la do avesso.

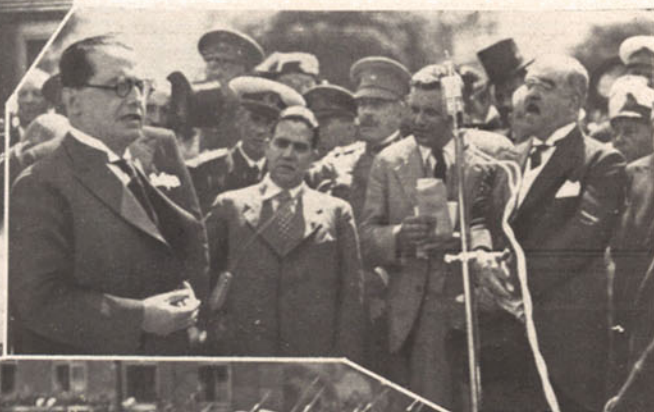
Será istc que se pretende, ou apenas restitui-la á sua harmonia original?

Se do último propósito se trata, bem vinda seja a iniciativa. Se pretendem apertar, meter mais bichos, cubos, ou palmeirais nas esquinas ou platibandas, então seja permitido que se apele para a Policia, ou para o Director de Rilhafoles.

Samuel Maia.

EM VIGO

INAUGUROU-SE SOLENEMENTE UM BUSTO A CAMÕES



Vigo, para comemorar a data da sua independência — conquistada também à custa do esforço dos portugueses — organizou lindíssimas festas. Nelas incluiu a inauguração dum busto a Camões, erigido em plena praça de Portugal. Durante três dias, portugueses e espanhóis confraternisaram. O monumento ao nosso grande épico — o primeiro que se levanta em Espanha — fica bem naquela cidade, pois que a Galiza é — como disse Antero de Figueiredo — «Portugal da outra margem do Minho».

Os festejos luso-galaicos tiveram verdadeira imponência. O governo espanhol fez-se representar na cerimónia da inauguração pelo seu ministro do Trabalho, sr. Estella e o Chefe do Estado português pelo sr. Melo Barreto, ilustre embaixador de Portugal. As duas páginas gráficas que publicamos, dão bem a idêa da grandiosidade assumida pelas referidas festas.



AO ALTO: O monumento a Camões, após o acto de inauguração, e o ministro do trabalho sr. Estella, pronunciando o seu discurso

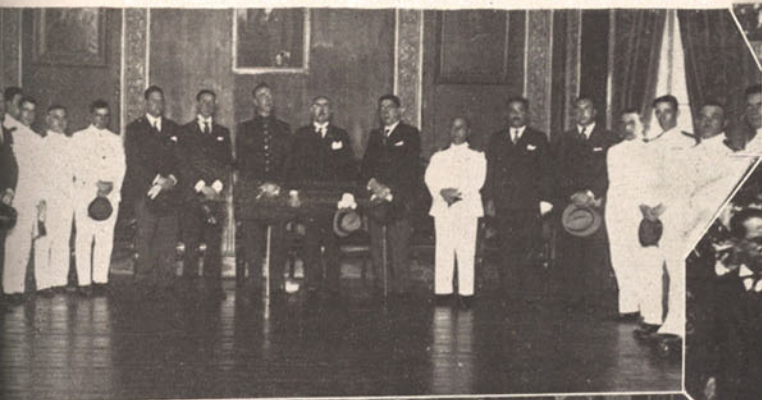
À ESQUERDA: O embaixador de Portugal, diante do microfone elogia a cultura de Espanha e exalta as suas belezas

EM CIMA: Antes do desfile das tropas, os srs. ministro do trabalho espanhol, embaixador de Portugal e general Schiapa de Azevedo, passam revista à força de marinheiros do «Vouga»



EM CIMA: Dois aspectos da praça Portugal, de Vigo, momentos depois de ser inaugurado o busto de Camões. O monumento estava rodeado por uma força de marinheiros do «Vouga», pela companhia indígena de Angola e por destacamentos do exército e da marinha espanhóis

À ESQUERDA: Depois de descerrado o monumento pelo ministro do trabalho espanhol, a banda indígena de Angola tocou a «Portuguesa»



Ao alto da página, Os 150 soldados indígenas, fazendo a saúdação olímpica, no Estádio de Balaidos, e o embaixador de Portugal sendo recebido no Ayuntamiento de Vigo - À esquerda: O sr. Melo Barreto, passando revista à companhia indígena e o consul de Portugal em Vigo e modame Pestana de Vasconcelos, durante o chá que ofereceram ao embaixador de Portugal



À esquerda: O Presidente da República visitando o «Vouga» — A chegada do embaixador de Portugal — Aspecto do almoço que as autoridades ofereceram aos representantes dos governos e a assistência ao jantar que as entidades oficiais ofereceram ao embaixador de Portugal. À direita: No Casino, efectuou-se o banquete que o sr. Melo Barreto ofereceu — A força do «Vouga» desfilando — O alcaide ofereceu ao embaixador um almoço



O camartelo municipal, aliás útil, por vezes, tomou agora conta do velho largo do Rato, hoje um dos locais de maior movimento de Lisboa. O sítio anda já nas calendas revolucionárias e a ironia popular tem-no recordado por vezes, chasqueantemente. Mas o largo do Rato que vai ser rasgado para dar amplidão ao novo arruamento, não pode passar ao mundo das coisas esquecidas, entre a poeira densa duma derrocada e o indiferentismo do lisboeta. Vale o bastante para que o acariciemos com a nossa formal despedida, enquanto a arquitetura «acaixotelada» de agora não pimponar na região, desdenhando de velhos tempos. Interessá-nos, particularmente, o «Rato», reminiscência do fidalgo Luiz Gomes de Sá e Menezes que teve a alcunha, quando corria o século de setecentos. Assim pensa o meu velho camarada Matos Sequeira, com quem, de mãos dadas, tenho andado a rebuscar velharias alfacinhas. Bastariam as proximidades de um teatro da velha Lisboa, para que êle se enaltecesse pelo menos de pitoresco tradicional. É sabido que o teatro do Rato funcionou no lado sul da praça durante mais de vinte anos, até que as chamas vorazes o destruíram por completo em 1906. Por essa casa de espectáculos, de carácter acentuadamente popular, passou uma legião de actores e actrizes que não se guindaram a culminâncias mas que deixaram, no entanto, as suas individualidades artísticas ligadas a uma aura relativa que entrou na simpatia de certo público. Mas, é mais do que o seu simpático teatro, neste momento desvão de beberagens e petiscos, o bom do largo do Rato prestes a deixar-se vencer pelo modernismo que o acomete precisamente, de início, no casario típico do principiar do século XVIII, colocado na esquina onde começa a rua do Rato, construções pobres cujas mansardas, cunhais e empenas davam, ainda, a recordação da época. No mesmo declive da praça, onde a esquadra da polícia de tradições políticas notórias, ainda ha uma semana dava o sinal da

EVOCA-SE o velho largo do Rato que está prestes a desaparecer...

ordem ás redondas que se dilatam para as Amoreiras, Bem Casados e rua do Sol, branqueja o edifício da Assistência Pública e que *in-partibus* lá ficará, talvez. A fisionomia moderna de agora encobre nas suas linhas, mais evocativas do que reais, o antigo mosteiro das freiras da Ordem da Santíssima Trindade, que foi obra primitiva do século XVII pelo dinheiro de Manuel Gomes de Elvas, em cuja descendência andou o padroado encabeçado no próprio Luiz Gomes de Sá «o rato». A traça antiga, de Baltasar Alvares, sofreu a reconstrução do arquiteto Luiz Caetano Pedro de Ávila. Sob aquêl tecto sagrado dormiu o sono da morte esse estranho polemista que se chamou José Agostinho de Macêdo, cujas ossadas fôram mais tarde para a sua terra natal. O largo do Rato, aliás de certa relativa vastidão, banalizou-se quando, principalmente, do lado do Vale do Pereiro esbracejaram novas artérias. Perdeu o seu ar recolhido. A sua feição vetusta residia, ainda, exatamente, onde neste momento a picareta faz dano. Como fundo, solenisava-o o actual palácio dos marqueses da Praia e Monforte, que fôra moradia solarenga dos marqueses de Viana e onde avultam estuques e tetos, que mestre Rodrigues Pitta delineou e realizou. Pelo sítio do Rato paira saudosa evocação da louca portuguesa, moldada na fábrica que a técnica e o bom gosto do italiano Tomaz Bruneto e do português Sebastião de Almeida, categorisaram como dos melhores exemplares de cerâmica do país, hoje engôdo de colecionado-

res e filão do estudo de investigadores artísticos. Vai ter o largo do Rato fortes respiradouros. A garganta estreitíssima que o ligava á entrada da Avenida Álvares Cabral, rasgar-se-á e quem estiver no alto da rua Braamcamp poderá descortinar o macisso verde e espesso do jardim da Estrela, também, de vez em quando condenado á pena última. Dentro de pouco tempo, o Rato, cuja tradição nominal tem vencido a praça do Brasil, será outra coisa bem diferente e dele só existirá a saudade dos que o conheceram desigual de traçado, irregular de perspectiva, mas acolhedor, pitoresco, bairrista até mais não...

Lisboa está a vestir-se de modernismo. Não tardará que a vejamos arrebicada, postiça, apta a ser olhada com a impressão de que estamos na Europa, de verdade. Do Rato ficam ainda as lembranças ao redôr: as Águas Livres, os soberbos azulejos da rua das Amoreiras, o melhor que a cidade conta em fachadas antigas, o sistema intrincado de pátio que teima em caracterizar o povoado que se espreguiça para a Fonte Santa e se dilata para as abas do Monsanto e corre suavemente, sem pretensões para a região da Triste Feia, engulindo na caminhada o Campo de Ourique. São festivos de aglomerados humanos, populares e laboriosos, êsses retiros onde há mãos calosas e olhos simples. Vive á margem o gentio. Árvores de fruto vicejam em calmos esverdiantos de folhagem tranqüila. Miséria, aqui e ali, psalmodia ilusóriamente feliz, cantares que ainda não se deturparam. Eis o prospeto urbano oposto á simetria de avenidas que estão a conquistar, palmo a palmo, os domínios suburbanos do Benfica e vizinhanças. O largo do Rato, configurado irregularmente, até aqui, *largo* numa palavra, desapareceu. Será uma simples passagem devassada, prolongamento das ruas que trepam a Santa Isabel. Obra útil? Não o sei. A estética terá intervindo? Por onde anda ela, louca sem rumo nesta cidade de mármore e granito? Poderá chamar-se á modificada Praça do Brasil, cidade nova? Os que podem responder, asisadamente, calar-se-ão, os que não se calam nada nos dizem. Fui, há dias, despedir-me das casas velhinhas do largo do Rato — tenho grande veneração pela velhice — nuvens de poeira corriam no ar, atravessei os arruamentos com os nomes de Castilho, Herculano, vislumbre romântico dos princípios de oitocentos e, já na avenida que Rosa Araújo ideou, tive que tapar as narinas, porque os varredores camarários arrancavam ao chão resequido, montanhas de pó... Saíra da velha cidade e não sabia, ainda, quando pisaria chão civilizado!

Fotografia da Praça do Brasil, antigo largo do Rato, no dia em que começou a demolição dos velhos prédios que ficavam na embocadura da quasi desaparecida rua do Rato



A VIAGEM

do ministro
do comércio

ÀS ILHAS



EM CIMA: No cais do Funchal o sr. ministro do comércio era esperado pelo sr. dr. Caldeira Coelho, governador civil, comandante militar e representantes dos organismos económicos e individuais em destaque na ilha da Madeira



A' ESQUERDA Aspecto do banquete, oferecido pelo sr. engenheiro Sebastião Ramires, no Hotel Reid, em honra do governador civil, ao qual assistiram as autoridades civis e militares e representantes da imprensa funchalense



A' DIREITA: O ministro do comércio, a caminho do cais, onde embarcou no *Quanza*, com destino a Ponta Delgada, acompanhado das autoridades, foi alvo duma grande e calorosa manifestação de simpatia

EM BAIXO: No Terreiro da Luta, após o banquete oferecido ao sr. engenheiro Sebastião Ramires pela Associação Comercial do Funchal, reuniram-se todos os convivas

(Fotos Perestrelo)



O "Baile dos Cisnes" na Curia e a festa do Casino do Luso



Maria Paula -- a «Clara» das «Fúrias do sr. Rellors» -- cantando sob a regência de Jaime Silva (filho)



Vários aspectos do «Baile dos Cisnes», que se efectuou na Piscina da Curia e que constituiu o mais elegante e alegre acontecimento mundano deste verão



Entre os números exibidos com êxito, contaram-se os da «Canção da Cabreira» por Maria Paula, «Praça da Figueiras» por um grupo de colaboradoras da «Eva» e uma rumba carioca, dançada e cantada por D. Ester Benoitel



Tês das intérpretes do interessante número «Praça da Figueiras» da autoria do compositor Jaime Silva (filho)



Em homenagem aos organizadores do «Baile dos Cisnes» e aos vencedores do Campeonato de Tennis, organizouse no Casino do Luso uma festa, seguida de baile.



O «Baile dos Cisnes», foi o número que deu o título ao «Baile» — friso admirável executado por um grupo de gentilíssimas senhoras — entusiasmou a assistência que não se cansou de aplaudir freneticamente



As manobras da flotilha ligeira

decorrem com grande actividade preparando pessoal para os novos navios

Estão suspensas, por algum tempo, as manobras da flotilha ligeira de instrução, que tem decorrido com os melhores resultados. O primeiro período de exercícios terminou agora, devendo as manobras recomçar em princípios de Outubro. Estes exercícios destinam-se a preparar pessoal para guarnecer os novos barcos de guerra em construção.

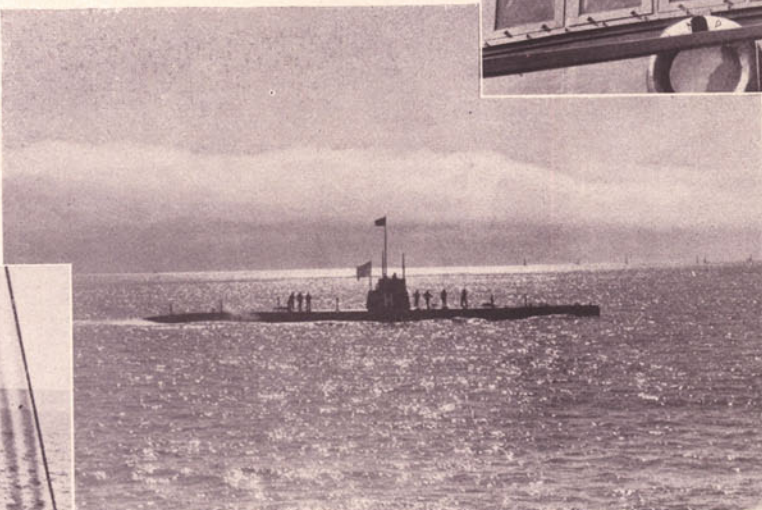
Este primeiro período de exercícios desenvolveu-se em Setúbal e na costa, com grande intensidade. Fizeram-se primeiramente saídas isoladas dos navios, para efectuarem lançamentos de torpedos, tiro directo e angular, com os barcos parados e a navegar, outros exercícios de artilharia com tiro à bôca da peça, para instrução do pessoal, com tubos reduzidos de 65 e de 37 mm. e, por último, fogos reais,

com tiro simples e por salvas comandadas da central de tiro. Este último exercício fez-se apenas a bordo do contra-torpedeiro «Tamega», navio-chefe da flotilha.

O «Tamega» e o torpe-

Em cima: Limbeza dum torpedo depois dum exercício, a bordo do «Tamega», sendo ao fundo alguns dos torpedeiros da esquadilha

A direita: O sinaleiro do navio-chefe transmitindo ordens para as outras unidades



Em cima: Passagem do submarino «Hidra» pela travão em manobras

A esquerda: Um aspecto do «Tamega», seguido por outros navios

deiro «Mondego» fizeram depois exercícios de tiro contra alvos rebocados pela canhoneira «Faro», verificando-se resultados magníficos. Um dos aspectos mais interessantes das manobras consistiu, sem dúvida, nos exercícios de desembarque efectuados na praia de Troia. Os marinheiros deixaram os seus navios, em baleiras, munidos de máscaras anti-gás armadas para combate. No momento em que salta-

ram em terra, foram estabelecidas cortinas de fumo, simulando os gases. Este exercício, de grande importância para adrestramento do pessoal, foi seguido de uma marcha sobre o areal e repetido por várias vezes em diversos dias.

Depois dos exercícios de desembarque, fez-se o rebentamento de duas minas submarinas, igualmente com excelentes resultados. Efectuou-se também tiro nocturno simulado, para instrução da marinhagem, com bom rendimento. Durante este primeiro período de manobras,



Ao alto: Os navios lançam ao mar caixas de fumo para encobrir a sua passagem perante o inimigo

A esquerda: Num dos intervalos das manobras o navio-chefe recebe beneficências

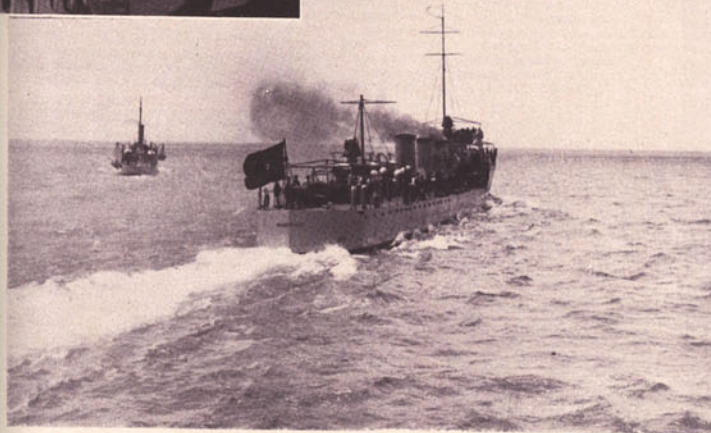
ressante, que atesta a destreza das tripulações.

A última fase deste período foi preenchida por evoluções em conjunto, mudanças de alinhamen-

Quando recommencem as manobras, a flotilha será constituída pelos navios «Tamega», «Mondego», «Ave» e «Sado», devendo efectuar-se então exercícios de tática naval, como ataques e contra-ataques, desembarques, fogos reais etc.

É possível que os exercícios terminem com visitas da flotilha às costas norte e sul.

Há dias, no Tejo, o vapor «Estrela do Mar» abalrou com o contra-torpedeiro «Vouga» o que veio demonstrar, mais um vez, a necessidade de se transferir o fundeamento das unidades navais para a baía do Alfeite. Este incidente, semelhante a outros há pouco registados, exige medidas urgentes, no sentido de salvaguardar a segurança da nova esquadra.



faziam-se a bordo dos navios da flotilha, todos os dias, prelecções ás praças, pelos oficiais, sobre temas de patriotismo, higiene, regulamentos e deveres militares, instrução, manejo do material, etc.

Outros exercícios, também curiosos, se efectuaram: postos de incendio, de combate e de abandono de navios e ainda o de «homem ao mar», em que os barcos lançam uma boia á água, simulando um homem, e depois arrieiam as embarcações para recolher. E' um exercício inte-

to e conversões, em obediência ao regulamento de evoluções no mar, elaborado pelo Estado Maior Naval, e que em breve será adoptado na nossa Armada.

O contra-torpedeiro «Tamega» provou as excelentes condições em que ainda se encontra para o serviço, bem como o torpedeiro «Mondego», que deu também todo o esforço que lhe foi exigido.

Ao alto: O «Tamega» sai para o mar à frente da divisão de instrução

A direita: A caminho de Setúbal os navios balançam com mar pelo travez





O último retrato de Inácio Sanchez Mejias

Ao levantar o pano, tanto o teatro como o palco, estão completamente às escuras.

A cena representa um laboratório moderno dum hospital de loucos. Na escuridão destacam-se as batas brancas de dois médicos e dum enfermeiro.

A VOZ DE NIETZSCHE

(escuro)

Aquilo que se vive em sonho, à força de ser sonhado, acaba por pertencer à nossa própria alma, como se fôsse uma realidade. Através desse sonho, sentimo-nos ricos ou pobres, mais ou menos ambiciosos e, mesmo acordados, deixamo-nos arrastar pela ilusão...

(Luz do meio dia. Os dois médicos e o enfermeiro trabalham isoladamente)

BALBINO

(ao enfermeiro)

Faça favor de ir ver como está o sr. Manuel de Castro. Se estiver sossegado, traga-o consigo. (enfermeiro sai)

Vais ficar admirado das melhoras de Manuel de Castro. Bastou-me descobrir a origem da sua loucura para imediatamente o tratar do mal de que vinha sofrendo. Lembra-te de que o tínhamos quase abandonado! Um dia, conversei com ele mais demoradamente e, por umas recordações que lhe despertei, consegui fazer-lhe uma análise psíquica. Fiquei absolutamente convencido de que se tratava dum caso de perversidade sexual...

CARRASCO

Que dizes? Perversidade sexual?

BALBINO

Ouve. Pouco a pouco, à força de estudo e de paciência, obriguei-o a confessar-me tudo. Ao princípio dizia-me frases incompletas e sem nexos... Mas eu tanto rodeei, tanto insisti, que acabei até por lhe revelar o que ele me pretendia esconder... As minhas observações não falharam. Podes calcular a cena violenta que tivemos! Quando se atira à cara dum homem a anormalidade da sua doença, a primeira coisa que esse homem pensa é... em matar...

CARRASCO

E com razão... Ainda mesmo que a tua análise não falhasse, é preciso uma grande audácia para fazer o que fizeste. Só dispondo, como tu, duma formidável influência sobre os doentes... é que se compreende que te arriscasses a esse perigo... Eu nunca teria feito semelhante coisa... Toma cautela! Não é impunemente que

"SANGRE Y ARENA"

O toureiro-dramaturgo

Inácio Sanchez Mejias morreu vítima da sua valentia

INÁCIO Sanchez Mejias, sevilhano e duma família de famosos cirurgiões andaluzes quiz ser toureiro á maneira antiga, começando por bandarilheiro, como «Guerrita» que antes de ser matador fez tirocinio nas «quadrilas» de Lagartijo e do pai dos «Gallos». Com o filho deste, «Joselito», entrou Inácio de provar sua valentia, acabando por merecer a mão de Trini, irmã dos «Gallos», e finalmente a alternativa, dada pelo próprio cunhado... Á força de valentia, sempre de valentia, conseguiu Inácio marcar um lugar, que quasi dispensava a protecção amiga de «Joselito».

E no toureiro daquele tempo, firmou um pósto honroso que lhe permitiu retirar-se da profissão com haveres suficientes. Ai por 1924, já morto seu cunhado, voltou a tourear, por nostalgia e ambição de mais celebridade, pelo desejo de que os jornais e os públicos continuassem falando d'ele.

E, novamente marcou, toureando cada vez mais, o que não é o mesmo que cada vez melhor, porque com este toureiro se dava o caso, de que sabendo tourear, não toureava bem, isto é, não toureava com arte, e todo o seu toureiro era a base de valentia, e de vontade, lutando com os touros com mais violência do que jeito, impondo-se porque sim e não por intuição. Bandarilhando, prodigalisava a sorte da «mariposa», de grande exposição, pelo risco de ficar cravado na trincheira, mas de pouca arte, de pouca beleza e até de classicismo. E com a «muleta» cultivava terrenos e emoções semelhantes, começando suas «faenas», sentado no estribo e repetindo a sorte várias vezes com aumento de perigo.

Nos anos de 1924 a 1927 — em que o acompanhámos meses seguidos, por existir, entre Inácio e António Cañero, um acôrdo que os reunia em várias corridas — muitas vezes o vimos executar tal toureiro e sair triunfante á força de coragem. Mas, novamente retirado e não lhe bastando para o distrair as peças teatrais que tentou com acerto, e os amores com a «Argentinita», causa de grandes desgostos para sua mulher, decidiu Inácio fazer nova aparição, já passados os quarenta anos, e em competência com toureiros novos e da força de Ortega.

E aconteceu o inevitável. O seu desmedido orgulho e o sentimento de dignidade profissional, levaram-no a exceder-se em valentia, para honrar o seu passado e poder ombrear com os toureiros mais novos do que ele, com os triunfadores da actualidade. E as faculdades já perdidas atraçoiaram a valentia de Inácio, colidido sem defeza no segundo dum dos passes, que antes dava com agilidade que supria a arte.

Isto que escrevo, com a sinceridade devida á memória de Sanchez Mejias, não impede que eu sinta a sua morte e dela me conformo apenas com a idéa de que ele próprio, a propósito da morte de seu cunhado «Joselito», dizia que um toureiro deve morrer na praça e num dia de sol.

Adaptador da sua peça «Sin razon», de colaboração com Alvaro de Andrade, representada ha anos, no Teatro Nacional, com o título de «O Palácio de Loucura», não posso esquecer que os últimos anos da vida de Inácio foram atormentados pela tortura, que ée trrou noutra sua peça — «Zayas» — um toureiro retirado e conhecedor dos perigos de profissão e que vê o filho querer ser toureiro como ele. Este filho chama-se «Joselito», como seu tio e padrinho, e será amanhã o continuador da dinastia dos «Gallos» e de seu pai.

Damos aos leitores, a seguir, o primeiro acto da sua obra «Sin razon», que em Espanha teve a interpretação da formidável artista Diaz de Mendonza e entre nós o grande actor Alves da Cunha.

Rogério Perez

se quere introduzir a verdade — como se fôsse uma cunha — num bloco sólidamente formado pela mentira...

BALBINO

Compreendo onde queres chegar... mas o caso é que o convenci!... Falei-lhe do sub-inconsciente, das lutas entre a consciencia e a inconsciencia e falei-lhe da sua própria doença... Não foi sem esforço que pus aquêle cérebro a funcionar...

CARRASCO

Sabes como sou teu amigo... Causa-me, sempre, grande alegria ouvir-te falar dos teus novos processos de cura... dos teus triunfos... mas tenho receio de que vás longe de mais com os teus optimismos...

BALBINO

Nunca se vai longe quando a razão é nossa conselheira. O que se não pode fazer, principalmente nestes casos de psiquiatria, é usar de processos — como disse um médico illustre — baseados em estudos já feitos... Dessa forma nada se consegue... Muitas vezes temos de lançar mão de hipóteses e preencher o vácuo que existe...

É necessário vencer a passividade com que os médicos têm olhado, e continuam a olhar, as centenas de loucos que enchem os hospitais... loucos que só esperam da morte a salvação para a sua doença...

CARRASCO

Continua...

BALBINO

É mil vezes preferível, para um médico, passar a vida a fazer experiências, do que cruzar os

braços e assistir impassível ao desenrolar duma doença, cuja origem e tratamento se desconhece, só com o pretexto de que ela é incurável... Sabes bem, como se tem discutido a conveniencia de inocular o paludismo nos atacados de paralisia. Eu nunca vacilo num caso desses. Faço sempre a experiencia. Não é o medo de matar o doente que me faz mudar de opinião, quando esse doente já está condenado à morte pela sua própria doença... Há sempre esperanza na cura!... Pouca?... Muita?... Há a que há... Quer seja para salvar 90 por cento ou 1 por 1.000, vale sempre a pena tentar todas as experiencias... Para arrancar da morte um só desses desgraçados... vou até onde fôr possível... E é este o caso de Manuel de Castro! Um homem cheio de vida, inteligente e rico... bastou um simples desequilibrio nervoso... para o reduzir ao lamentável estado em que entrou aqui... Com esse mesmo desequilibrio, há doentes que passam a vida fechados nos manicômios — quando bastaria apenas aquilo a que tu chamas uma das minhas audácias, para lhes restituir a razão... como a restitui a Manuel de Castro!

CARRASCO

E estará completamente curado?

BALBINO

Completamente. Por esse respondo com a minha cabeça, se fôr preciso. Sai hoje do hospital, dei-lhe alta. Bastou-me equilibrar a relação do autónomo com o simpático, para que o resultado não se fizesse esperar. Hoje raciocina como qualquer de nós. Ontem, por exemplo, convidai-o para jantar. Falou-me da sua vida,

dos seus projectos .. Está verdadeiramente horrificado com tudo isto... Pensa em mandar construir um grande manicómio, onde nada falte aos pobres doentes. Teve, até, uma ideia, que seria maravilhosa se fôsse realizável .. A nova casa de saúde, por êle idealizada, teria, além do conforto e aperfeiçoamento moderno, tudo quanto pudesse dar a ilusão aos doentes incuráveis, de que as suas manias eram uma realidade, para que pudessem viver, tanto quanto possível, no mundo que a sua loucura imaginou...

CARRASCO

Isso é irrealizável ..

BALBINO

Mas ha mais... Quere levar para o tal manicómio os doidos com quem melhor se entendeu aqui.. Tanto assim, que vai chamar ao seu hospital o «Palacio da Rainha Beatriz», em homenagem a essa desgraçada, que percorre por aí os corredores, com a man'a de que é rainha...

CARRASCO

E ainda acreditas que o Manuel de Castro esteja curado?

BALBINO

Tanto o acredito que aceitei o convite que me fez para ir dirigir o novo manicómio. Sei bem que tudo isto poderá parecer extraordinário... mas, não quis contrariar, de principio, as bases do projecto .. Espero impôr, com tempo e tacto, a minha opinião...

(À porta apparecem Sôror Ursula, superiora do Hospital, e Manuel)

SÓROR

Boas tardes, senhores doutores. Trago-lhes o sr. Manuel de Castro. Vai deixar-nos. Está curado, graças a Deus...

BALBINO

... e ao médico que lhe deu a razão... É sempre assim. Quando se curam, dão graças a Deus, quando morrem é o médico que tem a culpa...

(a Manuel)

Então, sr. Manuel de Castro, assim nos deixa...

MANUEL

Graças ao doutor... Adoeci, porque Deus assim o entendeu .. e se êle permitiu que o doutor me curasse, foi tambem por entender que eu o merecia. Deus é quem manda...

Sanchez Mejias acompanhado do actor Diaz Mendonça, quando da representação, em Madriá, da sua peça «Sin razón», que obteve um ruído de sucesso teatral



O sevilhano Martinez de Leon — um dos maiores desenhadores de touros — reconstituiu a colhada fatal de Sanchez Mejias, com informações dos toureiros que a ella assistiram

SÓROR

Abençoado seja o seu santo nome! Abençoado seja! O doutor deve também dar graças a Deus, por lhe ter dado tanta inteligência e tanto saber. Disseram-me que o sr. Manuel de Castro vai fundar um manicómio... e que o doutor é quem o vai dirigir...

BALBINO

Um manicómio não!

(para Manuel)

Um palácio .. onde uma rainha terá a sua côrte! Não é verdade, sr. Manuel de Castro? Nada de doidos. A palavra loucura nunca se ouvirá lá dentro... Serão, apenas, doentes... Vamos criar uma lenda e dar-lhe vida...

MANUEL

Exactamente! É esse o meu pensamento!

BALBINO

Uma rainha, doida de amor, espera no palácio, o rei com quem ha de casar — o rei que nunca chega.. As tropas reais, que guardam o edificio, mantêm, ao mesmo tempo, a disciplina ..

MANUEL

Tudo moderno, muito moderno...

BALBINO

Quartos ricamente mobilados.. casas de banho, gymnasio, laboratório .. Tudo muito limpo. Optima comida .. e um médico que assista aos doentes, com grande independência de critério e autoridade máxima.. Tudo cheio de sol e muito alegre .. A rainha; os altos dignatários; o pobre Mariano — esse que julga que é bispo — será o bispo da côrte; outros serão juizes, commerciantes, soldados, poetas .. conforme as suas manias. Todos serão felizes.. pelo menos na aparência. Não é esse o seu plano?

MANUEL

Tal qual... Vamos criar uma lenda e dar-lhe vida, como disse o meu caro doutor .. Uma rainha, doida de amor, espera no seu palácio, o rei com quem ha de casar... O rei nunca chegará... Gastarei toda a minha fortuna para suavizar a infelicidade destes desgraçados .. Não haverá castigos, nem violências! .. Bem basta a sua doença! É preciso, acima de tudo, tornar a vida agradável áqueles que se não podem curar... satisfazendo-lhe sempre os seus caprichos!

SÓROR

Os seus caprichos... É o que se procura fazer nesta casa, mas faltam-nos, muitas vezes, os recursos... Se o senhor Manuel de Castro dêse a êste hospital, o que pensa gastar nesse tal palácio, veria como tudo mudava ... e que lindas

coisas se poderiam fazer! Só temos o restrito para comer e, no entanto, alguma coisa de útil se tem feito... Apesar de se lutar com dificuldades, estamos sempre dispostos a satisfazer caprichos... Olhe o Soares, por exemplo, que se julga capitão... e todos o tratamos por capitão... A sua mania vai tão longe que até tem os seus soldados...

MANUEL

Não é isso, minha irmã, não é bem esse o nosso sonho...

SÓROR

É, sim, senhor Manuel de Castro... Quere vêr?

(Vai à porta e chama:)

Capitão! Capitão! Vem cá!

(Entra um doído, miseravelmente vestido, com um bonet de militar. Este, e todos os doidos que entram na peça, têm a sua loucura no pensamento e, por conseguinte, só na palavra. Qualquer esforço do actor que degenera em grotesco — na interpretação dos gestos — poderá falsear a acção.)

CAPITÃO

(para Sôror)

As suas ordens, meu general!?... Que manda o meu general?... Viva o nosso general!

SÓROR

Cala-te! Cala-te!... Não sejas maluco!... Chama os teus soldados para se despedirem do senhor Manuel de Castro...

CAPITÃO

Serão cumpridas as suas ordens, meu general!... Com sua licença, meu general!

(berrando)

Infantes e cavaleiros!! Infantes e cavaleiros!

(Entram, apressadamente, os doidos. Vestem como vagabundos. São 15. Expressões diversas de doentes nervosos.)

Entrem na forma!... Formar!... Direitos!... Firmes!...

(Os doidos obedecem)

Quatro passos à frente, marche!

ILUSTRAÇÃO

TODOS

(a compasso)

Um! Dois! Três! Quatro!

CAPITÃO

Quatro passos à retaguarda, marche!

TODOS

(a compasso)

Um, dois, três, quatro!

CAPITÃO

Meia volta, volver!

TODOS

Um! Dois!

(Ficam voltados para a parede)

CAPITÃO

Às ordens de vocência, meu general!

SÓROR

Eles que digam o que manda o regulamento! Depois façam as suas despedidas ao senhor Manuel de Castro!

CAPITÃO

Infantes e cavaleiros! Por ordem do nosso general, digam o que manda a regulamento.

TODOS

(em côro)

Amar! Amar! Amar! Amar a Deus, a Pátria e a Religião! Amar! Amar! Amar! Obedecer! Obedecer! Obedecer! Obedecer ao general, ao director e ao capitão! Obedecer, obedecer, obedecer!

CAPITÃO

Somos todos...

TODOS

Unidos!...

CAPITÃO

Ninguém poderá...

TODOS

Queixar-se!...

CAPITÃO

Estaremos sempre...

Nestes terrenos prodigalissava Sanchez Mejias a sorte de bandarilhar com grande emoção



Contentes!...

Meia volta...

Um, dois!

Agora, digam três vezes: Viva Manuel de Castro!... Em frente, marche!

Um, dois, três: Viva Manuel de Castro!

Um, dois, três: Viva Manuel de Castro!

Um, dois, três: Viva Manuel de Castro!

(Saem)

SÓROR

Como vê, também nós procuramos distrair os doentes! Se tivéssemos dinheiro, muito mais fariamos!... Talvez Deus o tenha pôsto bom, sr. Manuel de Castro, para fazer a felicidade destes desgraçados!...

MANUEL

Talvez, minha irmã, talvez! Enviar-lhe-ei amanhã um chéque... mas creia que é impossível realizar, nesta casa, o que me pede... Se dum palácio se pode fazer um manicómio, um manicómio é que nunca se poderá transformar num palácio!... Estou pronto a receber todos os doentes que aqui estejam a mais. Ajudal-a-ei, sempre, no que puder... Mas, não insista, não insista na sua ideia... porque me não convence... Agradeça, por mim, a todas as irmãs e diga-lhes que nunca esquecerei os seus cuidados!...

(para os médicos)

Aos meus amigos nada tenho que lhes dizer' pois sabem bem como lhes estou grato!

(a Balbino)

Ao meu caro doutor, já lho disse, lá o espero esta noite para jantar na minha casa... É necessário combinar tudo, ainda hoje, para que o nosso palácio seja, dentro em breve, uma realidade.

(a Sórora)

Minha irmã, quero pedir-lhe um último favor: desejava... desejava despedir-me da rainha...

SÓROR

Porque não, senhor Manuel de Castro! Como Deus é bom para aqueles que são generosos!

(vai à porta)

Francisco! Diga à irmã Victória que traga, aqui ao laboratório, a rainha. Diga também aos músicos, que preparem a despedida do sr. Manuel de Castro.

(volta à cena)

Nem só de pão vive o homem, diz o ditado. É bem certo. Estas coisas servem de maior consolação aos desgraçados, do que muitas vezes o próprio dinheiro... Deus olha por todos e dispõe sempre tudo pelo melhor. Vem aí a rainha!

(Entra com a irmã Victória. Veste pobre e desparatadamente. Uma saia comprida e um trapo cosido, fingindo de cauda. Blusa de gola alta e um penteado, que estando em desordem, quer parecer de rainha antiga. Flores no carrapito alto e na mão direita um lorgnon, feito de cartão. Faladora e risonha. Nova e bonita.)

RAINHA

Onde está el-rei?... Onde está el-rei? Ah! Mas não é el-rei? Talvez queiram casar-me com o príncipe Adolfo?... Não, não e não!... É inútil o estratagema! Eu não quero casar! Só quero el-rei, só quero el-rei!

(dirigindo-se a Manuel)

Vai vêr el-rei?... Diga-lhe, diga-lhe que volte, que volte depressa! Diga-lhe que estou aqui encerrada... que me armam laços a todo o instante!... Diga-lhe... que... que... quando



Inácio Sanchez Mejias era mais um toureiro de corajosa violência do que de pura estética, como se vê na gravura

fôr para as manobras militares... que passe pelo palácio... Eu estarei à janela que dá para o campo... Diga-lhe que volte a qualquer hora... quando quiser... estou sempre à espera dêle... Diga-lhe que esteja sossegado... que nada me acontece... Diga-lhe que se vista de cavaleiro de Sant'iago... mas que volte depressa... que volte depressa!

(Sorri. Ruboriza se e beija a cabeça com emoção)

Diga-lhe... diga-lhe... que volte depressa... que môrro de amor...

MANUEL

(comovido)

Farei a sua vontade!... Em breve terá notícias de el-rei!

(estende-lhe a mão)

RAINHA

Que quere êste homem?

IRMÃ VICTÓRIA

Quere apertar-lhe a mão... Quere despedir-se...

RAINHA

(com a sombra)

A minha mão?... Quere a minha mão? (Chorosa) A minha mão, não, não, não, irmã Victória! Não, não!

(Foge para trás dela)

IRMÃ VICTÓRIA

Não seja tóla! Estenda a mão a êste senhor, vá...

RAINHA

(orgulhosa)

A minha mão, não, irmã Victória! Na minha mão ninguém toca! A minha mão é sagrada, sagrada! Só a beija quem estiver em graça... assim o quere el-rei...

(baixando a voz)

El-rei... Assim o quer el-rei! El-rei!...

(esconde a cara)

El-rei! El-rei!

(Manuel ini.ia a saída)

PANO RÁPIDO

Sanchez Mejias

(Adaptação de Rogério Perez e Alvaro de Oñate)



Uma estátua da Pátria. — Esteve exposta na Avenida da Liberdade, a *maquette* — realizada na proporção de metade das dimensões definitivas da estátua — da Pátria, figura central do Monumento aos Mortos da Guerra a erigir em Lourenço Marques. A obra, que é do distinto escultor Rui Gameiro, é duma concepção feliz, técnica rigorosa e sóbria. O «lançamento» da figura mostra-nos a Pátria em atitude altiva e firme, destacada numa nobreza de linhas que lhe dão imponência. É, em tudo, uma notável obra de escultura moderna, que muito honra o seu autor — um novo cheio de valor — que conta já na sua vida muitos trabalhos de grande vulto.



Em viagem do Brasil, no «Cap-Arcona». — Da esquerda para a direita: O importante industrial sr. Mário Rebelo de Oliveira, filho do falecido benemérito e grande patriota, nosso querido amigo sr. Zeferino de Oliveira; Arthur Brandão e esposa; Niejahr, comandante do «Cap-Arcona»; madame Mário de Oliveira; madame Heloísa Mota e marido, engenheiro dr. Arnaldo Mota. *Sentados*: dr. Cicero Prado. *Ao fundo*: dr. Brito Chaves e dr. Waldemar Padrenosso, ilustre advogado brasileiro.

FIGURAS E FACTOS

Dr. Palma Carlos — Por virtude do seu recente doutoramento na Faculdade de Direito de Lisboa, realizou-se um banquete de homenagem ao sr. dr. Palma Carlos, ilustre advogado. Presidiu o sr. coronel Manuel Maria Coelho, ladeado pelo homenageado e pelo sr. engenheiro Cunha Leal.

Assistiram, entre outros, os seguintes srs: dr. Xavier da Silva, dr. Alvaro Machado, dr. Ramada Curto, dr. Evaristo de Carvalho, prof. Gonçalves Pereira, dr. Felipe Ferreira, dr. Vasco da Gama Fernandes, dr. Acácio de Gouveia, dr. Moura Deniz, Vitor Júdice da Costa, dr. José Godinho, dr. Rodrigues Pinto, dr. Teófilo Carvalho dos Santos, dr. Silva Garcia, Armando Baptista da Costa, Edmundo Aparício Dias, Joaquim da Silva, dr. Luiz Barros, Cardoso Leitão, Manuel João Palmas Carlos, dr. Alfredo Mendes de Figueiredo, dr. Manuel de Oliveira, dr. António Miranda Boavida, dr. Manuel Veloso, Mário Costa, Alípio de Mesquita, Armando de Palma Carlos, Edmundo de Oliveira, dr. Augusto França, dr. Francisco Mascarenhas Gentil, António Segurado, José António Correia, Jaime da Mota Tristão, dr. Arnaldo Tristão, dr. Nuno Rodrigues dos Santos dr. Leopoldo do Vale, dr. Octávio de Brito, dr. Santos Ferro, dr. Leitão e Silva, dr. Paulo Heitor, dr. Xavier Pinto, dr. Felipe Ferreira, dr. Lima Alves, António Espírito Santo, dr. Amaro Sacramento Monteiro, dr. Anacleto Martins, etc. ♯



Carlos Selvagem — Vindo da provincia de Moçambique, onde esteve alguns anos, governando o distrito de Inhambane, encontra-se em Lisboa o sr. capitão Carlos Afonso dos Santos, conhecido no meio literário pelo pseudónimo de «Carlos Selvagem» que, em novembro, parte novamente, para Angola, onde vai ocupar o cargo de governador da Huila.





A INFANCIA A Colônia Balnear constitue uma DE ASSISTÊNCIA

PORTUGUESA

do jornal O "Século", grande obra E SANEAMENTO



A obra da Colônia Balnear do «Século» é das mais belas que Portugal conta. Bela no conceito, na forma e em todas as manifestações que apresenta. Por isso toca de emoção agradável quantos a visitam.

Perto de três centos de crianças que incessantemente se renovam, de duas em duas semanas, através de todo o verão, ardeandam em cada ano conta próxima de duas mil beneficiadas pelo ar, sol, asseio, alimento, alegria recebidos.

O edifício que pretendeu ser fábrica, com fisionomia de grande solar antigo, ganhou na troca de maquinismos por gente meúda.

Aquela feição externa, com rodízios de aço a baturar no interior, escandalizaria o bom gosto da vizinhança. O mais que ali poderia meter-se, sem ofender, seriam fiadeiras com traje regional.

Homens de gança afrontariam os próprios peixes da proximidade.

Calhou entrar na posse da Colônia. Parabéns à graciosa orla do Estoril, que assim não macula a sua fisionomia calma, a própria de um lugar para o aprazimento de quem precisa desanojar-se. E muito especial louvor ao «Século» por ter metido no destino próprio o que d'ele andava arrêdo como corpo vasio de alma.

Pode contá-lo como mais uma obra meritória entre tantas que refere no seu activo.

E' de supor que a graça adquirida pela instalação concorra para desenvolver e multiplicar em incessante progresso, a generosa empresa que de tão longe vem, sempre a triunfar de vicissitudes bastas, e a impor-se como modelo quasi único do género a que pertence. No desleixado Portugal, em muitos pontos escasso de bondade, este donde emana o interesse pela criança, no sentido de produzi-la robusta e bela, apresenta-se como dos mais mesquinhos.

O povo que criou a obra divina das Misericórdias, que se enterneceu, antes de nenhum outro, pela miséria humana e a socorreu com piedade inexcelsível, nunca se mostrou rico de entusiasmo e fé pela idea de acudir aos berços, no intento de defender e tor-

nar próspero o vigor e formosura da raça. Comovido pela dor da decrepitude, pouco se lhe dá do destino da infância.

Reconhecida a falha hoje como ontem foi que um médico, há 27 anos director da consulta de crianças na A. N. T. tomou o desconcerto para tema de larga conversa com Silva Graça então director do «Século». A nitida visão d'esse espirito lúcido, como poucos, logo appareceu viável e consequente o serviço que então lhe foi proposto. Assim despontou desde logo a idea de lançar a propaganda intensa que durante anos se manteve e veio a ser fecunda em resultados. Entregue a Manuel Guimarães o comando da acção jornalística, a Samuel Maia, a parte médica, formou-se um agrupamento de jovens combatentes que ficou memorável nos fastos daquelle jornal.

Basta lembrar que Adelino Mendes, Avelino de Almeida, Mariano Algeos, Jorge de Abreu, José Pontes, Jorge Cid, Carlos Champalimaud, D. Sofia Quintino, fizeram parte da pleiade que feriu a mais vigorosa e demorada campanha, não politica, que se conhece em jornais portugueses. Dela precede a vulgarização da gymnastica e desportos, das cantinas escolares, de certas práticas hoje correntes na puericultura, o interesse pela alimentação racional das baixas idades e enfim as colônias de férias que a instalada no Estoril representa como maior e número de mais prestigio Foi ainda, por estímulo do «Século», que as Juntas de Paróquia de Lisboa se consorciaram para levar a termo a sua, hoje assente na Cruz Quebrada. Também essa é digna de louvor pela considerável influencia na massa populacional de Lisboa.

Com máguia tem de confessar-se que este tão vantajoso meio de saneamento não logrou adquirir a expansão necessária. Ficam ainda muitos milhares de adolescentes em carência de beneficenciação que a não recebem por mingua de institutos apropriados, ou de recursos proporcionados aos existentes.

Em outros países melhor providos a vantagem salutar do processo, através das suas innumeras variantes chega praticamente a todos os necessitados, mercê de iniciativas particulares ou do Estado que lhe deram a expansão precisa.





A V VOLTA

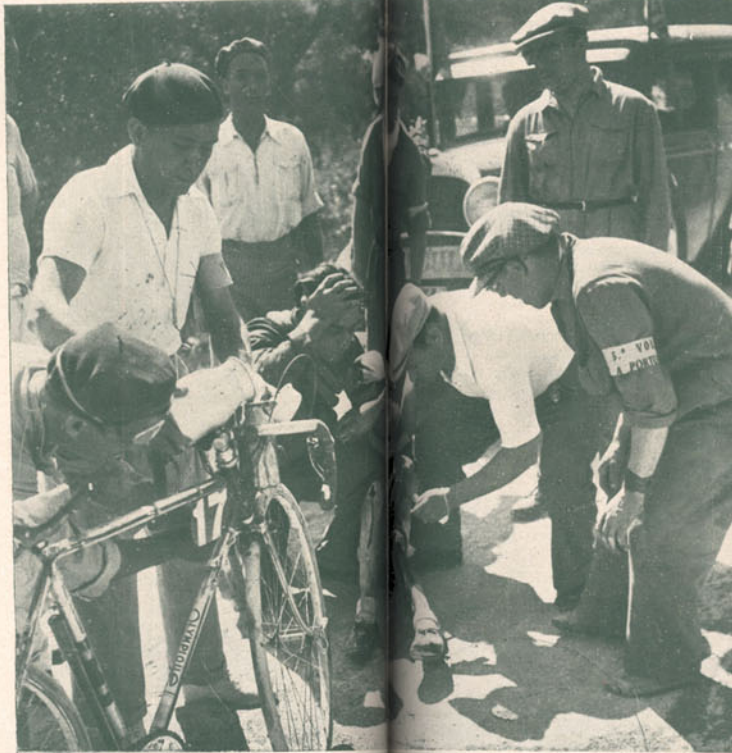


Ao alto, à esquerda — A equipa A do «Sporting»; Marques, Esquível, Lino, Prudêncio Carneiro e Trindade

Ao alto, em cima — A equipa do «Carcavelos»; Firmino da Silva, J. Martins de Aguiar, Anselmo dos Santos e Felipe de Melo

A' esquerda — Os corredores entrando no histórico arco de Estremoz

A' direita — Trindade, do «Sporting», depois do choque contra Prudêncio Carneiro, torcendo-se com dores



A PORTUGAL

Ao alto, à direita — A equipa A do «Benfica»; Nicolau, César Luiz, Santos Duarte e João Gomes

Ao alto, à esquerda — A equipa do «Campo de Ourique»; Eugénio Martins, Joaquim Figueiredo, Leandro Lopes e Pontes Narciso

A' direita — Santos Duarte, do «Benfica», envergando a camisola amarela, em Sines

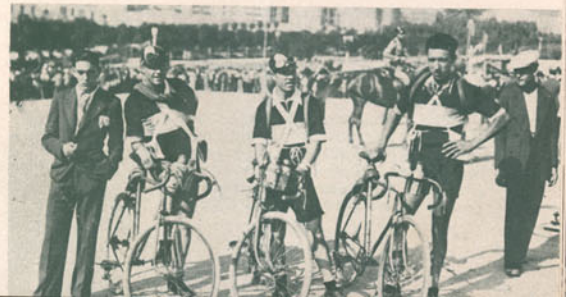
Em baixo, à esquerda — Nicolau, à saída de Évora, veste a camisola amarela, ajudado por Raul de Oliveira



A' esquerda — A equipa do «Foot-ball Club do Porto»; Fernandes da Silva, Nunes da Silva, Oliveira Gomes, Ribeiro Rego, Pereira Cida-de e Moreira



A' direita — A equipa do «Académico», do Porto; F. Joaquim da Silva, Gomes Ferreira e Carlos Silva



(Fotos Denis Saigado e Serodio)



Joan Crawford no momento em que se prepara para mergulhar nas águas da sua piscina

e que demora apenas alguns minutos a projectar no ecrã um comprimento de dez mil imagens. Acrescente-se a isto que cada uma delas é feita com delicadas minúscias e ter-se-á uma ideia da soma de trabalho que uma bobine pode conter. O filme de Alexeieff e Claire Parker tem o título «Uma noite sobre o Monte Chauve» e inspira-se na peça musical do mesmo nome do grande compositor Moussorgsky. O assunto é uma evocação do sabbat que, segundo a lenda, as bruxas realizavam outrora no alto daquele monte, situado perto de Kiev, na Rússia.

Os realizadores souberam compôr em gravuras uma visão animada e fantástica desse ambiente irreal, onde se agitam seres estranhos e disformes sacudidos por um ritmo diabólico. Silhuetas de bruxas movem-se à claridade levida do luar, projectando sombras alongadas. Dos velhos mofinhos abandonados surgem monstros que se lançam em louca correria através as trevas da noite. Revoitam no ar vezes fantásticas. Todo o mundo terrível e misterioso das lendas estas se anima e vem reunir no cume da montanha árida e escavada onde se efectua o sabbat. Por fim o som alegre das matinas vem pôr em debandada os fantasmas. O sol nascente ilumina uma natureza risonha que desperta do seu sombrio pesadelo.

Tal é, em resumo, o primeiro filme de gravuras animadas que foi apresentado. Resta dizer que os dois artistas que o realizaram não são partidários do trabalho em série. Assim, dedicaram-se à composição da sua obra com vagares de artistas. Um segundo de projecção do filme representa por vezes um dia inteiro de trabalho. Em conjunto, o tempo dispendido excedeu um ano.

Alexeieff e Claire Parker não se limitaram a descobrir um género novo de cinema. Encontraram, ao mesmo tempo, o assunto que mais convinha aos elementos novos de que iam dispor. De facto, nada mais acertado do que utilizar essas imagens na representação do ambiente irreal das lendas.

O caminho está aberto. Outros seguirão, decerto, os passos dos audaciosos pioneiros. E muito há a esperar dos que assim fizerem.

Os jornais têm-se referido por diversas vezes à vaga de pudor que desabou sobre o cinema norte-americano. O assunto é dos que merecem atenção, pois dele depende talvez o futuro da indústria cinematográfica. Dum modo geral, a questão consiste no seguinte:

Diversas Igrejas norte-americanas, à frente das quais a Igreja católica, encetaram há meses uma campanha contra a imoralidade do cinema. Os sacerdotes começaram por condenar nos seus sermões alguns filmes que consideravam escandalosos. Depois aconselharam os seus fiéis a escrever aos produtores, realizadores e artistas de Hollywood exortando-os a não co-

Dos cineastas, Alexandre Alexeieff e Claire Parker, apresentaram há pouco tempo em Paris uma obra de novo género que suscitou nos meios especializados da capital francesa um grande movimento de interesse.

O filme destes dois inovadores tem o valor duma feliz descoberta. Trata-se da primeira película de gravuras animadas que os ecrãs nos apresenta e o efeito artístico obtido pelos seus autores revela perspectivas inesperadas para o desenvolvimento do cinema.

Se justificadamente se diz que a realização dum filme de desenhos animados representa o produto duma enorme paciência, com mais razão ainda se aplicará a ideia ao filme de gravuras animadas.

Neste, as destocações e transformações não se limitam às manchas e linhas de contorno. O mais ligeiro movimento modifica o aspecto dos objectos, a sua perspectiva, volume e sombra que projectam. A passagem do negro ao branco não se faz por simples supressão da tinta. Na gravura animada há entre um e outro tom extremo vinte e dois cambiantes de cinzento pelos quais passa a imagem antes de se dissolver completamente.

Mesmo para quem está ao facto do trabalho perseverante que qualquer dos pequenos filmes do rato Mickey exige, causa assombro avallar o esforço dispendido na composição desta curta sinfonia de imagens. O filme a que nos estamos referindo

William Henry, actor de cinema e marido de Marie Curie, na vaga

CINEMA

GRAVURAS ANIMADAS

Um novo e prometedor género de espectáculo

laborarem na obra dissolvente que atribuíam ao Demónio. O resultado desta ideia foi cair sobre Hollywood um dilúvio de cartas vindas de todos os pontos do país, o que começou a preocupar os dirigentes da indústria.

Mas a questão só tomou foros de gravidade ante o lance teatral que se lhe seguiu. Falando em nome da Igreja romana, o cardeal Doherty ordenou a todos os católicos que, não só se abstivessem de assistir à exibição dos filmes postos no «Index», como deixassem até de frequentar os cinemas enquanto os produtores não tomassem solene compromisso de elevar o nível moral dos argumentos escolhidos.

A atitude assumida pelo representante da Igreja católica vai exercer, por força, efeitos sensíveis. Os chefes da indústria não duvidam que, dum maneira geral, as receitas dos cinemas vão sofrer apreciável redução. E, deste modo, procuram resolver o problema que vem agravar a já difícil situação da indústria cinematográfica.

A solução mais simples consistiria em filmar argumentos morais que dessem satisfação às reclamações das diversas Igrejas. Mas a verdade é que, sem escândalos, crimes e aventuras amorosas não é possível fabricar os 400 ou 500 filmes que o mercado consome em cada ano.

E mesmo que conseguissem fazê-lo, os produtores correriam o risco de ver afastar-se do cinema outra parte não menos numerosa do público que se mantém indiferente.

e alheio às reclamações e cuja sensibilidade moral se manifesta menos irritável.

Três soluções se oferecem portanto, e entre elas terão os dirigentes da indústria de escolher o seu caminho:

Ou tentam conformar-se às exigências da moral religiosa, e nesse caso os programas resultarão insigníficos para o gosto do público;

Ou simulam aceder às reclamações, fazem promessas solenes e continuam a produzir os mesmos filmes;

Ou, dando provas duma audácia que nunca tiveram, decidem afrontar a opinião dos devotos, e mantêm o carácter, actual da produção.

Entretanto, os produtores interrogam-se com ansiedade. Cada um pretende saber o que pensam fazer os seus concorrentes. E nenhum se decide a tomar uma atitude que pode ter consequências imprevisíveis.

Para formar uma ideia da gravidade do problema é preciso ter em conta que as diversas confissões religiosas gozam ainda hoje na América do Norte dum prestígio enorme. Quanto à sua influência verdadeira sobre o público as opiniões são variáveis. Mas é fora de dúvida que o puritanismo, que está nas tradições do país, desempenha aqui papel preponderante.

Resta saber se esse puritanismo triunfará sobre a mentalidade das novas gerações. Não faltam, de resto, produtores optimistas a dizer que o facto de um filme ser condenado por imoral é bastante para que aumente a afluência de público às casas de espectáculos onde ele se exhibe.

Jury Rony é um realizador pouco conhecido que aperfeiçoou a sua arte no convívio de alguns grandes mestres como Serge Eisenstein, Gardine e Joé May. encontra-se actualmente em França, onde o levou o propósito de realizar um filme cuja concepção é bastante original. Vejamos como

ele expõe a sua ideia.

«O argumento da obra que projecto conta-se em poucas palavras. Após trinta anos de reclusão, um presidiário é amnistiado e volta ao mundo civilizado. O seu assombro perante o progresso realizado nos últimos trinta anos, a angústia que o domina ao vêr as modificações que se produziram na mentalidade do ser humano, o ritmo insensato da vida moderna, tais serão os factos principais que procurarei mostrar no meu filme. Este será, a bem dizer, um filme de *trucs* e de montagem. De facto, a sua maior parte será composta por imagens de actualidade colhidas aqui e além e apresentadas de certa maneira. Apenas dois grandes papeis serão interpretados por artistas — o do presidiário amnistiado e o dum jornalista que o acompanha..

A primeira vista, este filme, que reúne um caso atraente de análise psicológica a uma crítica da vida contemporânea, oferece um interesse certo. Resta saber se Jury Rony saberá realizar a sua ideia e isso só é possível dizê-lo depois da apresentação do filme.

Volta a falar-se com insistência no cinema em relêvo e a cores. Pouco tempo decorre sem que surja qualquer novo aperfeiçoamento aos métodos já conhecidos.

Podemos dizer que, no estado actual da questão a cinematografia a cores atingiu já um estado de desenvolvimento aceitável. Certos processos, como o da tricromia, baseado na obtenção de três fotografias idênticas através de filtros selectores, vermelho, azul e amarelo, permitem alcançar bons resultados.

A industrialização de qualquer desses processos, oferece, porém, grande número de dificuldades. A indústria do cinema passa por uma crise que tira aos produtores quasi todas as possibilidades de tentarem uma inovação cuja primeira consequência seria obrigar a um enorme dispêndio em novos maquinismos.

Apesar disso, os inventores prosseguem animadamente os seus trabalhos. Louis Lumière, um dos precursores do cinema, dedica ao assunto da cinematografia a cores e da projecção estereoscópica todas as suas faculdades de grande inventor. E anuncia que antes do fim do ano corrente tenciona apresentar à Academia das Ciências de França as conclusões do seu trabalho.

Segundo declarações de Joseph Schenck, o presidente da «United Artists», durante a sua recente passagem por Londres, o próximo filme de Charlie Chaplin será, como os anteriores,

Momentos de ócio da famosa Carole Lombard



A expressão mais completa do «sex-appeal» americano — a célebre vedeta Jeanne Harlow

inteiramente destituído de diálogo. A obra que Charlot começou agora a filmar terá a mesma orientação técnica de «Luzes da Cidade», que, como é sabido, conquistou em muitos países da Europa e da América o «record» das receitas.

Tendo em conta, as aptidões excepcionais do grande mimico não podemos deixar de concordar com a decisão por ele tomada.

King Vidor, o reputado realizador de «A Grande Parada», «Multidão» e «Hallelujah», anunciou ter em projecto a realização dum grande filme sobre a terrível crise de desemprego que tortura o mundo. Essa produção intitular-se-ia «Our daily bread» (O pão nosso de cada dia).

As grandes empresas a que se dirigiu rejeitaram, porém, as suas propostas, por não considerarem o filme bastante rendoso. Assim, King Vidor, animado de zelo artístico, decidiu realizar o filme à sua custa.

«Our daily bread», vai focar um dos problemas mais angustiosos da nossa época. A sua oportunidade é incontestável, sobretudo na América do Norte, onde cerca de sete milhões de homens lutam com falta de trabalho. E o mais paradoxal é que nele se ocuparão muitos figurantes, a classe mais flagelada pelo desemprego.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

EM SINTRA

Com uma enorme e selecta concorrência realizou-se no salão de festas do Casino de Sintra, organizada por uma comissão de senhoras da nossa melhor sociedade, uma elegante festa de caridade, que constou de récita, seguida de baile, cujo produto se destinava à capela de Mem-Martins.

No programa do espectáculo tomaram parte e obtiveram grande successo, as senhoras D. Maria Zulmira de Almeida, filha do cavaleiro José Casimiro, nos seus belos números «canções da Beira» e fados, e D. Maria Tereza Carvajal, discípula do maestro Pedro Blanch, em vários números de canto clássico, e os srs. José António Barbosa de Guimarães Seródio (Sabrosa), e Luiz Macieira, o primeiro em fados e o segundo em trechos de ópera.

Terminado o espectáculo começou o baile, que foi abrilhantado por uma orquestra «jazz-band».

Casamentos

Realizou-se na paróquia de S. José, o casamento da sr.^a D. Maria José Burnay, filha da sr.^a D. Ida Burnay e do sr. Roberto Burnay, já falecido, com o sr. D. António de Sousa e Faro de Lencastre, filho da sr.^a D. Judite de Sousa e Faro de Lencastre e do sr. dr. D. Fernando de Lencastre.

Foram madrinhas da noiva sua mãe e sua prima a sr.^a D. Maria José Ortigão Burnay de Gusmão e padrinhos do noivo os srs. dr. D. António de Lencastre, e conde das Alcaçovas, respectivamente avô paterno e primo. Celebrou o acto religioso, o prior da freguesia reverendo dr. Lirio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Serviram de caudatários os meninos Maria Izabel Correia Leite Tavares de Carvalho, António Maria e José Manuel Correia Leite Belmar da Costa.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido no palacete da sr.^a D. Beatriz Gomes de Lencastre e do sr. dr. D. António de Lencastre, a Santo António dos Capuchos, avós paternos do noivo, um finíssimo lanche da pastelaria «Benard».

Na assistência notavam-se as senhoras:

Marquesa de Lavradio e filhas, marquesa de Pombal, condessa das Alcaçovas e filhas, condessa de Mendia e filha, condessa da Lousã (D. Ema), condessa de Seisal, condessa de Sant'Iago, condessa de Castelo Mendo, condessa da Póvoa, condessa de Castelo Mendo (D. Rita), viscondessa de Almeida Garrett, D. Ida Burnay, D. Maria de Lencastre Van Zeller, D. Maria da Silva Correia Leite, D. Maria José Ortigão Burnay de Gusmão, D. Camilla de Paiva Raposo, D. Isabel Trigo de Siquiera e filha, D. Carolina Monteiro de Mendonça e filha, D. Madalena Soto Maior Pinto Basto, D. Maria Bruno de Herédia, D. Ezilda Gomes Alves de Sá, D. Ana Leite Pereira de Feyus e Freitas, D. Beatriz de Sousa e Faro de Aguiar, D. Ana Soto Maior de Maceo, D. Ana Reynolds de Sousa de Lencastre, D. Maria do Pilar Soto Maior Pinto Basto e filha, D. Eugénia de Lencastre de Orey, D. Carmen Correia Leite Belmar da Costa, D. Maria Luiza de Paiva Raposo de Almeida, D. Maria Mafalda Paiva de Andrade Moraes Cardoso, D. Maria de Lencastre Cardoso Pinto, D. Isabel Maria de Melo Breynier Ulrich, D. Dalila Correia Leite Tavares de Carvalho, D. Beatriz Benjamin Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Amélia de Lencastre Freitas e filha, D. Maria Adelaide Soares Cardoso Cruz, D. Teresa Pinheiro de Melo Magalhães, D. Maria Luiza Burnay Soares Cardoso, D. Isabel Bleck de Lencastre Du Boulay, D. Ana Burnay Soares Cardoso, D. Maria Eugénia de Avilez Soares Cardoso, D. Roanne de Serpa Pinto de Lencastre Freitas, D. Madon Carlos Moraes de los Rios, D. Maria Teresa de Lencastre Ferrão de Castelo Branco, D. Alice Burnay, D. Judite Benjamin Pinto, D. Ida e D. Maria do Carmo Burnay Paiva de Andrade, D. Maria Teresa Burnay de Verda (Mairós), D. Maria Helena e D. Felipa Bloch de Lencastre (Lousã), D. Ingrid Wiesse, D. Maria Luiza Gomes de Miranda, D. Maria Teresa de Lencastre Ferrão de Castelo Branco, etc., etc.

E os srs.:

Marquês de Lavradio, marquês de Rio Maior, conde das Alcaçovas, conde de Sant'Iago, conde de Arrochela, conde da Azinhaga, conde de Castelo Mendo (António,

visconde de Santarém, Henrique Monteiro de Mendonça, D. João de Lencastre (Lousã), D. Francisco de Herédia, D. José Moraes de los Rios, D. Pedro e D. Luiz de Lencastre, D. Luiz de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior), D. Francisco Bruno de Herédia, D. António de Lencastre (Lousã), dr. Duarte Burnay Soares Cardoso (Marco), Miguel Tobias Paiva de Andrade, Augusto da Silva Carvalho Osório, dr. Ivo Cruz, dr. João Monteiro de Mendonça, dr. João Moraes Cardoso, Ricardo Espírito Santo Silva, Gastão Benjamin Pinto, José e Adolfo Burnay Soares Cardoso (Marco), Burnay du Boulay, Bernardino Mendes de Almeida, Afonso e Rui Correia Leite, Alfredo de Artagnão, Paulo Bensliman, Augusto Pinto Basto de Sá, José Ferrão de Castelo Branco (Arrochela), João Luiz e Jaime de Lencastre Freitas, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

— Com grande brilhantismo, realizou-se na paróquia de Santo António do Estoril, o casamento da sr.^a D. Maria Ema Harberts de Sousa Moreira, filha da sr.^a D. Carolina Harberts de Sousa Moreira e do sr. José de Sousa Moreira, já falecido, com o sr. António Augusto Ferreira Linhares de Lima, filho da sr.^a D. Esmeralda Izolina Jacinta Ester Ferreira Linhares de Lima e do tenente-coronel sr. Henrique Linhares de Lima, presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o tio materno da noiva, sr. Alberto Harberts e o pai do noivo. Celebrou o acto religioso, o reverendo prior de Santa Maria de Belem, monsenhor Gonçalo Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Terminada a cerimónia religiosa, durante a qual foram executados por uma orquestra vários trechos de música sacra, foi servido na residência dos pais do noivo, em S. João do Estoril, um lanche, seguindo os noivos depois para Torres Novas, onde foram passar a lua de mel.

— Na capela do palácio dos srs. condes de Mendia, a Jesus, realizou-se o casamento de sua filha D. Catarina, com o sr. conde das Alcaçovas (D. Luiz), filho primogenito dos srs. condes das Alcaçovas.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Constança de Mendia de Castro e D. Maria de Sousa Coutinho de Mendia, irmãs da noiva, e de padrinhos os srs. marquês de Rio Maior e Frei José Montalverne de Lencastre, respectivamente tio e irmão do noivo.

Celebrou o acto religioso Frei Augusto de Araújo, F. O. M., que no fim da missa fez uma brilhante alocução, sendo acolitado pelo irmão do noivo Frei José.

Findo o acto religioso, foi servido um lanche, no salão de mesa do palácio, revestindo a cerimónia um carácter muito íntimo, devido ao falecimento do tio da noiva, seguindo os noivos depois em digressão pelo norte, em automóvel.

— Realizou-se na capela do Asilo de S. João do Estoril, o casamento da sr.^a D. Cristina Soares de Oliveira, filha da sr.^a D. Eugénia Soares de Oliveira e do Governador Militar de Lisboa, general sr. Domingos de Oliveira, com o nosso colega do «Diário da Manhã» sr. dr. José Ayalla Botto, filho da sr.^a D. Jenny Ayalla Botto e do sr. Carlos Pery Botto, já falecido.

Fôram madrinhas a mãe da noiva e a tia do noivo sr.^a D. Berta Pery Botto de Carvalho e padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo sr. dr. Jerónimo Braga de Carvalho. Celebrou o acto religioso, o reverendo prior da freguesia de S. Pedro, em Alcântara, monsenhor Pinheiro Marques, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Finda a cerimónia religiosa, foi servido na residência dos pais da noiva, no Estoril, um lanche, recebendo os noivos grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Com muita intimidade, por motivo de luto recente da família da noiva, realizou-se na paróquia do Coração de Jesus, o casamento da sr.^a D. Maria Helena Centeno Ribeiro Castenho, filha da sr.^a D. Laura Isabel Centeno Ribeiro Castenho, e do sr. dr. José Ribeiro Castenho, meritíssimo juiz desembargador da Relação de Lisboa, e antigo ministro, com o segundo tenente da armada sr. António Valeriano Gomes, ajudante do director geral de marinha, filho do sr. José Valeriano Gomes.

Fôram madrinhas a mãe e a irmã da noiva sr.^a D. Maria Isabel Centeno Ribeiro Castenho e padrinhos os pais dos noivos.

O acto religioso foi celebrado pelo prior da freguesia, reverendo Machado Dias, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da



Os noivos — sr.^a D. Maria Ema Harberts de Sousa Moreira e sr. António Augusto Ferreira Linhares de Lima — no dia do seu casamento

pastelaria «Ferrari», partindo os noivos depois para o norte onde fôram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paróquia dos Santos Reis, ao Campo Grande, o casamento da sr.^a D. Maria Zulmira Bastos de Oliveira, filha da sr.^a D. Maria da Conceição Bastos de Oliveira e do sr. Carlos J. de Oliveira, com o sr. dr. João Granada Afonso, filho da sr.^a D. Elvira Granada Afonso e do sr. Manuel Granada Afonso. Fôram madrinhas as sr.^{as} D. Maria Clemência de Melo Rego Pereira e D. Amélia Bácia Fernandes Cruz e padrinhos os srs. José Pereira e dr. Manuel Fernandes Cruz. Celebrou o acto religioso o prior da freguesia do Sacramento, amigo íntimo da família, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Finda a cerimónia foi servido na residência da irmã da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», recebendo os noivos grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Na capela do palácio dos srs. condes de Valença, realizou-se o casamento da sr.^a D. Margarida Jardim Hintze Ribeiro, filha da sr.^a D. Margarida Jardim Hintze Ribeiro e do sr. António Hintze Ribeiro, com o engenheiro sr. Henrique de Sampaio e Castro Pereira da Cunha da Silveira, filho da sr.^a D. Francisca Dart de Castro Cunha da Silveira e do falecido conselheiro sr. José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa. Foram madrinhas a tia da noiva sr.^a condessa de Valença, e a mãe do noivo e padrinhos os srs. condes de Valença, tio da noiva e Tomé de Castro, tio do noivo. Celebrou a cerimónia o reverendo Frei Augusto de Araújo, F. O. M. que no fim da missa fez uma brilhante alocução, sendo acolitado durante a cerimónia pelo primo da noiva, reverendo João Filipe de Castro (Nova Góia).

Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa do palácio, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para uma digressão pelo país e estrangeiro.

D. Nuno

Pelas sete partidas do mundo...



Morte do marechal Lyautey

A França acaba de perder uma grande figura de colonizador e de militar: o marechal Lyautey. Acadêmico ilustre, o organizador da Exposição Colonial de 1931, faleceu aos estragos duma doença de coração. Com uma formidável folha de serviços, mereceu da França, o posto de marechal, pela sua dedicação à Pátria e pelo trabalho de aproximação franco-marroquina. Era alguém, disseram os jornais franceses, quando da sua morte. Organizador, homem de acção, deixa saudades nos que com ele lidaram. A França fez-lhe funerais nacionais, como era seu dever.



O elogio de Hindenburg

No Reichstag, Hitler fez o elogio fúnebre do falecido marechal Hindenburg. Pronunciou um discurso que foi largamente radiofúndido. Entre um montão de flores, divisa-se na gravura, o busto do grande e bo de guerra. O Reichstag, em sinal de luto, encheu-se de flores, quer por cima das carteiras, quer pelas paredes. As declarações de Hitler foram comentadas na imprensa mundial, tanto a favor como contra.



Morte dum infante

Perto de Vienna, morreu num desastre, de automóvel o infante D. Gonçalo, sexto filho do ex-rei de Espanha. O carro era guiado pela irmã, a infanta Beatriz, que, segundo os jornais, desgostosa com o sucedido, vai dar entrada num convento. Foi causador do acidente um ciclista que seguia fóra de mão. A infanta Beatriz, para o não atropelar fez uma manobra rápida de que resultou chocar violentamente com o muro. O infante D. Gonçalo sofreu contusões no estômago, pelo que faleceu horas depois, devido a uma forte hemorragia.

Um frizo curioso

Para uma praia perto de Marselha, os marinheiros dum barco de guerra, foram fazer um estagio. Durante este, houve uma festa no mar e lá foram «chacun avec sa chacune», como se vê na gravura, assistir, de longe, ao desenvolver do festejo marítimo. Um fotógrafo surpreendeu estes seis marujos e estas cinco raparigas, abraçados, sem saberem que estavam «posando», embora de costas, para a objectiva... A grande permanência sobre o mar torna mais intenso o carinho pelas mulheres... daí o justificar-se esta pitoresca cena.



Americanices

Numa praia da California realizou-se uma corrida original. Homens e senhoras, flutuando, de barriga para o ar e levando uma vela ao sabor do vento, disputaram uma corrida. Houve animação e alegria. Que mais há de inventar os americanos para passar o tempo? Embora só em piscinas se deslize bem — e estas entre nós sejam ainda só duas — ha praias portuguesas onde este desporto poderia ser praticado com eficácia.



Quem é o artista "José"

que segundo um crítico espanhol

é o caricaturista da consciência

QUEM é o caricaturista "José"? Esta pergunta fez a imprensa portuguesa quando soube que havia triunfado um nosso compatriota, que assinava com esse pseudónimo, em terras de França. Recentemente, em Madrid, o artista "José", voltou a dar que falar aos jornais. Expoz alguns dos seus trabalhos no Museu Nacional de Arte Moderna, daquela cidade. Dele escreveu o crítico D. Palazau:

"A sua arte, depurada e selecta, não consiste em exagerar os traços com o propósito único de ridicularizar; procura obter uma impressão, o mais acertada possível, da alma da pessoa caricaturada."

Foi no diário madrileno "La Epoca", que este artigo veio publicado. Os outros jornais de Madrid também se referiram a "José". No entanto, Lisboa desconhecia o artista. Quem seria esse caricaturista que tão depressa alcançou sucesso? A nossa distinta colaboradora Maria de Eça vai hoje dizer quem ele é! A seguir a esse artigo de apresentação, um crítico de arte do país vizinho, redactor literário e de arte de "El Siglo Futuro", e chefe da redacção do Consorcio Internacional de Prensa, chamado José Sanz y Diaz — nome conhecido, na imprensa espanhola

— dará também a conhecer aos leitores da *Ilustração* a personalidade artística de "José". Completam ainda estas páginas alguns desenhos do caricaturista português que triunfou no estrangeiro.

Há tempos que os jornais franceses e espanhóis publicam notícias muito elogiosas sobre um caricaturista português: "José". A maioria não sabia quem era o jovem artista, que assim criava fama e honrava o nome lusitano nos meios artísticos de Paris e Madrid, verdadeiros centros de arte, mas onde impera o patriotismo e para que, um nome estrangeiro brilhe, é preciso que esse nome represente um verdadeiro valor. "José" intrigava todos os que se interessam por coisas de Arte. Quem seria esse rapaz, em plena juventude, segundo os jornais noticiavam, que se tornava célebre, usando um tão simples pseudónimo?

A escolha e a simplicidade desse pseudónimo marcam um carácter. É preciso que um rapaz tenha uma alma superior, para querer vencer na Arte e nos mais exigentes meios, só pelo seu valor e sendo conhecido apenas por "José". Enquanto outros, na mania das grandezas, procuram nomes sonoros e às vezes até títulos, que lhes não pertencem, "José" triunfava no meio artístico internacional apenas com um nome próprio, um nome de baptismo! É tanto mais para admirar a sua isenção porque "José" tem um nome e um nome conhecido na nossa aristocracia e na nossa história. "José" é Joaquim Freire Travassos Valdez, o filho mais novo do general Joaquim Travassos Valdez e de D. Leonie Frère Travassos Valdez, filha dum ilustre diplomata estrangeiro e duma linhagem de diplomatas. Portanto, só a modestia e uma grande elevação de ideias, poderiam ter levado esse rapaz a escolher um tão modesto pseudónimo e a esconder um nome ilustre. Neto do general-conde de Bonfim, o seu nome pertence à história de Portugal. Mas não me admira a maneira de ser do jovem artista, conhecendo o meio em que foi educado. Seu pai, distintíssimo diplomata e homem muito culto, de ideias largas e desimpedidas, é uma figura de destaque na sociedade portuguesa. Sua mãe, estrangeira de nascimento, portuguesa de coração, é um espírito superior de elevados sentimentos. Sua irmã, quasi outra mãe, é também uma senhora de grande inteligência. Família unida, foi neste meio que nasceu e cresceu "José" — chamemos-lhe assim, visto que ele escolheu este nome para o tornar conhecido. Nos salões de sua família, onde se reuniu uma "élite" intelectual, a conversa versava sempre sobre assuntos interessantes. Viagens — e tantas e tão grandes as tinha feito essa família, que passou parte da sua existência no Oriente e na América — literatura e arte. É um meio onde a maledicência e as vidas alheias não interessavam, o que tornava esse



JOAQUIM FREIRE TRAVASSOS VALDEZ
(José)

(Auto-retrato)

ambiente extremamente simpático às pessoas que se não imiscuem no lado mesquinho da vida e que só gostam de demorar o seu pensamento no que ela tem de mais belo. Criado e educado nesse meio, as faculdades intelectuais do jovem artista encontraram o melhor terreno para se desenvolver e tornar fecundas. As viagens que fez aumentaram-lhe as faculdades de observação e "José" foi aperfeiçoando o seu "eu" com a mesma maestria com que hoje o seu lápis audacioso e indiscreto retrata o "eu" interior das outras pessoas. Não admira que ao sair do seu ambiente familiar a sua alma tivesse sido chocada pela parte vil da humanidade e, que saindo da sua casa de Campolide ou da sua quinta de Galameres e ao encontrar-se no meio cosmopolita de Paris a sua alma se sentisse ferida e o seu lápis de artista tornasse quasi célebre a figura do "arrivista" como o fez Daumier, a "Robert Macaire" o tipo de charlatão dessa época — Daumier com quem "José" tem artisticamente tantos pontos de contacto.

O "arrivista" intelectual ou material tem fatalmente de chocar a sua alma sensível, desenvolvida num meio familiar superior e de grande afectividade. "José" cuja escolha de pseudónimo e abandono de apelidos ilustres, revela uma forte alma independente, sente a sua penetrante vista de caricaturista ferida pela figura repulsiva do "arrivista", que infesta todas as sociedades, mas sobretudo a sociedade intelectual dos grandes meios. "José" descobriu-o e retratou-o nalguns traços sóbrios e firmes. O seu sucesso no estrangeiro marca-lhe um lugar na Arte nacional e na Arte mundial. Esse rapaz que é já conhecidíssimo nos meios artísticos de Paris e de Madrid é hoje apresentado pela primeira vez ao público de Lisboa nos desenhos inéditos que inscremos. O seu auto-retrato é uma prova do seu valor. Há profundidade no seu olhar, a profundidade de quem sabe observar-se, como observa os outros. O guitarrista tem bem as características do guitarrista português.

Nas caricaturas dos jogadores de Nice, nós vemos bem vinculados os tipos desses membros da sociedade cosmopolita, desde o oriental à miss Itália. É uma revelação para os portugueses este rapaz que fez uma interessante conferência em Madrid na exposição de "Kakemonos" japoneses, organizada por Nanoune Gaubert de Lambras, conhecida escritora francesa, colaboradora da interessante revista "La psychologie et la vie", revista de



UMA MESA DO CASINO DE NICE — Um sultão, um príncipe um conhecido jogador, "miss Itália, o rei de S...", e o revolucionário R. Z.
(Caricaturas de "José")

psicologia aplicada, onde o seu lugar está bem marcado. Porque «José» não é só um caricaturista, é também um escritor, que esculpe a sociedade com a pena e com o lápis. É sempre um prazer apresentar um artista, designar um valor à admiração do público, sobretudo quando se trata dum artista já conhecido do público estrangeiro e que o nosso público ainda ignora, mas para mim é duplo esse prazer por se tratar dum rapaz que conheci quasi criança e dum família que considero e admiro. «José» é um português e um lisboeta, que só hoje se apresenta ao público do seu país e da sua cidade natal, sendo já tão conhecido no estrangeiro, onde o seu nome tem o seu lugar já marcado de tal maneira, que despertou a curiosidade dos nossos jornais.

Mas melhor do que eu vai dizer quem é «José» na Arte da caricatura o ilustre escritor e jornalista espanhol Sanz y Diaz num magnífico artigo, escrito expressamente para a «Ilustração» e que nos demonstra claramente o acolhimento afectuoso que encontrou na capital do país vizinho, o nosso artista, que será, estou certa, uma glória da Arte da caricatura e um ornamento intelectual da sociedade portuguesa, levantando em sucessivas exposições o nome português no estrangeiro e fazendo no seu campo de acção, e tão vasto éle é, o que os seus antepassados fizeram nos campos de batalha.

Maria de Eça.

«Le caricaturiste «José» est le nouveau Daumier et le Forain portugais.»

(N. G. DE LAMBRAS.)

EFFECTIVAMENTE como o grande litógrafo de Marselha e como o ilustre croquista de Reims, saltando as naturais distâncias de idade, ambiente e qualidade, o notável desenhador português, que popularizou na América, em França e em Espanha o pseudónimo de «José», não se contenta em ser um simples caricaturista de retina, que deforma por sua vez as deformações grotescas que nas coisas e nos indivíduos poz a natureza, mas profunda com visão penetrante, as psicologias tortuosas, chegando com o seu olhar artístico até às últimas dobras do sub-consciente, para uma vez ali, trazer o rictus duma alma, o bosquejo dum sentimento, a contorsão duma ideia que faz rir e a careta trágica duma dor. O seu lapis audacioso não se detem diante da máscara trágica dos tiranos nem diante da pirueta ingénua dos simples. As consciências brancas, os espíritos rosa e os sentimentos negros da gente equívoca estão caricaturadas no album de alumínio de «José», com a mesma precisão sintética. Porque este jovem artista é partidário do maior sintetismo nos desenhos, assim os seus, são magníficos croquis, sinopse ou esquema de suprema estilização. O seu laconismo técnico-artístico, que corresponde sempre a um conceito pessoal, está em oposição magnífica com a grande eloquência expressiva dos seus traços, que tantas coisas nos sugerem e tão subtilezas que as quebraríamos se as quizessemos expressar.

Essa nova modalidade da arte da caricatura, vista através duma nova interpretação de temperamento, é tanto mais para aplaudir, porque o artista terá que lutar constantemente com o «vulgo», que pelo simples facto de o ser, nada compreende que não seja vulgar, e, volta inconscientemente as costas às inquietações renovadoras da juventude. Assim como Jean Louis Forain, estava obsecado pelo



«O GUITARRISTA»

(Desenho de «José», adquirido pelo Museu de Vigo)

exemplo artístico do seu amigo Degas, «José», buscou inspiração no croquista genial de Reims, mas sempre através do seu próprio temperamento; e, como éle, é também um carácter audacioso e inquieto. «José» é uma grande esperança da arte lusitana, é um esboçador notável, um ágil caricaturista de engenho e grande rasgo, que com poucos traços seguros, modela o «eu» psicológico das pessoas ou das coisas. Dá-se-lhe um assunto e éle desenvolve-o sintetizado em duas linhas. Com Honorato Daumier, tem «José» maior parentesco artístico, maior analogia na forma de realizar e

na maneira de ver. Como o colaborador de Philipon, na grande revista satírica «Caricature», onde Daumier desenvolveu quarenta gloriosos anos de sátira genial, «José» teve inquietações literárias, que o levaram até Paris. Mas não falemos disto, que aqui não é oportuno: basta que se saiba que escreve literariamente no doce idioma de Molière. O lápis satírico do jovem desenhador português, fustiga sem piedade a política, os costumes e o arrivismo pessoal. A observação de «José», na caricatura sintético-psicológica é inteligentíssima, sabe apanhar o mais íntimo «eu», para o mostrar logo num ligeiro esboço em duas simples linhas.

Como o autor de «Les Masques de 1831», interessante colecção de caricaturas desenhadas segundo esboços modelados em barro (Daumier era também um excelente esculptor) acompanhado de preciosíssimas legendas de Philipau, o jovem caricaturista português assina com um pseudónimo

«José»; Daumier popularizou a assinatura Rogelin e como tipo caricatural «Robert Macaire»; simbolismo satírico de charlatão, homem de negócios. «José», está em via de popularisar outro sujeito não menos interessante nos nossos dias: «o arrivista», do qual não se livra hoje nenhuma zona social.

Digamos para terminar que «José» é filho do ilustre general português Joaquim Valdez, ministro plenipotenciário na América Central e neto do célebre marechal-conde de Bonfim, e cultiva a arte da caricatura para aprender a observar a alma das pessoas e também o espírito simples das coisas,

como um método aperfeiçoador de psicologia aplicada, que se mostra encantado, com a acolhedora simpatia espanhola, que fez uma conferência sobre arte oriental no Museu de Arte Moderna, de Madrid, ante a magnífica colecção de desenhos de mestres japoneses, que a bela e simpática escritora francesa Nanoune Goubert de Lambras acaba de expor com grande êxito e que em breve «José», nos fará presente, duma interessantíssima exposição de caricaturas psicológicas que está preparando.

Depois, tem o propósito de a repetir em Paris, Londres, Buenos Aires e Rio de Janeiro.

Sanz y Diaz.



Actor Escultor Pintor

A preocupação de toda a gente, hoje em dia, é fazer ou usar qualquer coisa que a separe do resto dos mortais, que a torne obra de atenções e mesmo de comentários.

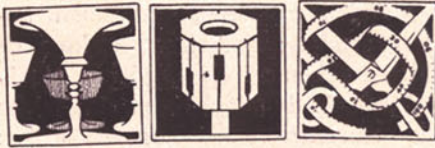
O silêncio em volta de alguém trás o esquecimento e já assim se fizeram várias campanhas.

O silêncio vale quasi o desdem. Pelo menos os resultados são os mesmos: votar ao ostracismo a criatura de quem se pretende tirar uma desforra justificada ou não.

Portanto, é ver como certas pessoas buscam tornar-se notadas até mesmo com actos que as deslustram, só para ganharem um pouco de celebridade.

Todos querem ser "alguem".

Quando passam, gostam de ser apontados, gostam imenso de ouvir o seu nome, embora com ar de troça ou com um nadinha de má língua.



Vidreiro Agrimensor Alfaiate

Tudo, menos não fazer sensação.

Que importa que os critiquem asperamente que os arrastem até pelas ruas da amargura?

Ser falado, é tudo; e, para muitos, o ideal supremo é andar nas bocas do mundo.

É provável, é quasi certo, que há quem cometa actos que a sua consciência reprova só para ver o retrato nos jornais e apanhar assim uns laivos de popularidade, ainda que seja apenas no reduzido circulo da vizinhança do seu bêco ou travessa.

Uma das manias em voga — e essa não desdoira ninguém — são os emblemas, vendo-se, pelos sofás das casas ricas, almofadas com as côres e desenhos do "Clube", desportivo preferido, e nas camisololas dos pobres e remediados leões e



Jardineiro Trocha Serralheiro

EMBLEMAS E DISTINTIVOS

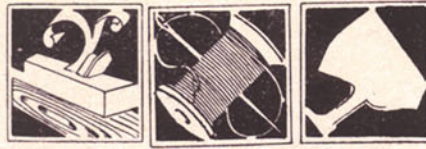


Sapateiro Criado Barbeiro

águias, bordados segundo o permite a bolsa do seu portador.

Ora desta mania, que tem até uma certa elegância podia fazer-se qualquer coisa de útil á colectividade.

Ora vejam lá se isto não seria lindo. Nas profissões liberais e nos vários



Carpinteiro Costureiro Marchante

ofícios, cada qual usaria o emblema especial que desse uma ideia clara da sua ocupação.

Com certeza que nenhum operário se envergonharia de pregar na sua blusa o distintivo que acusasse o seu ganha-pão.

Assim como trazem com tanto gosto o sinal do "Clube", a que pertence o Nicolau ou o Trindade, melhor seria pôr-lhe ao lado a indicação do seu modo de vida.

Isso só poderia trazer-lhes proveito e estamos numa época em que é preciso não perder nenhuma vantagem.

Seria de grande utilidade para êle e para o freguês provável, que muitas vezes anda aqui e ali perguntando por um artifício para qualquer serviço urgente.

Os cultores das belas artes, se o não trouxerem á vista, podiam trazer êsse distintivo na carteira, assim como médicos, advogados e juizes.

Era um adorno bonito e que podia evitar muita asneira.

Ha sempre quem pretenda discutir e falar a respeito de tudo sem o mais ligeiro conhecimento do assunto.

Ora, numa roda onde os competentes puxassem da carteira ou da cigarreira com o distintivo já conhecido denunciador da sua profissão, o dissertador fantasta tinha que dar por finda a sua indesejável dissertação.

Não é de mais insistir: Se há tanto



Músico Químico Ceramista

quem goste de usar emblemas só para li-songear agremiações ou para que se saiba a qual delas pertence e até por vaidade, porque não há-de escolhêr êste meio que fica exposto, que o distingue, e impõe justamente á atenção do seu semelhante?

Um dia destes, falando a tal respeito com o ilustre engenheiro Perfeito de Magalhães, êle prestou-se gentilmente a desenhá para a *Ilustração* uma colecção de emblemas profissionais para acompanhar êste artigo.

Perfeito de Magalhães já teve aquella ideia magnífica, que também foi lançada na *Ilustração*, do aproveitamento dos moinhos abandonados, para auxílio dos automobilistas.

No nosso país as boas iniciativas nem sempre vingam ou quando são aproveitadas são-no em pequena escala. É uma



Fotografo Desenhador Livreiro

conseira para fazer aceitar um alvitre acertado.

Não é que não reconheçam a sua utilidade e até ás vezes a urgência do seu aproveitamento, mas estão agarrados á rotina, ao hábito e receiam a novidade.

E, isto, em toda a parte é assim. Afinal, a humanidade é retintamente conservadora.

É preciso um violento impulso, para a fazer sair do trilho costumado.

Só a ridente cidade de Setúbal, deu que fazer aos moinhos desempregados até agora.

Haverá por êste Portugal adiante um artista, um operário ou um senhor doutor com bastante espírito para ostentar a minúscula taboleta sintética do seu mister?

Não sei. Em todo o caso, a sugestão aí fica. Veremos se a moda pega.

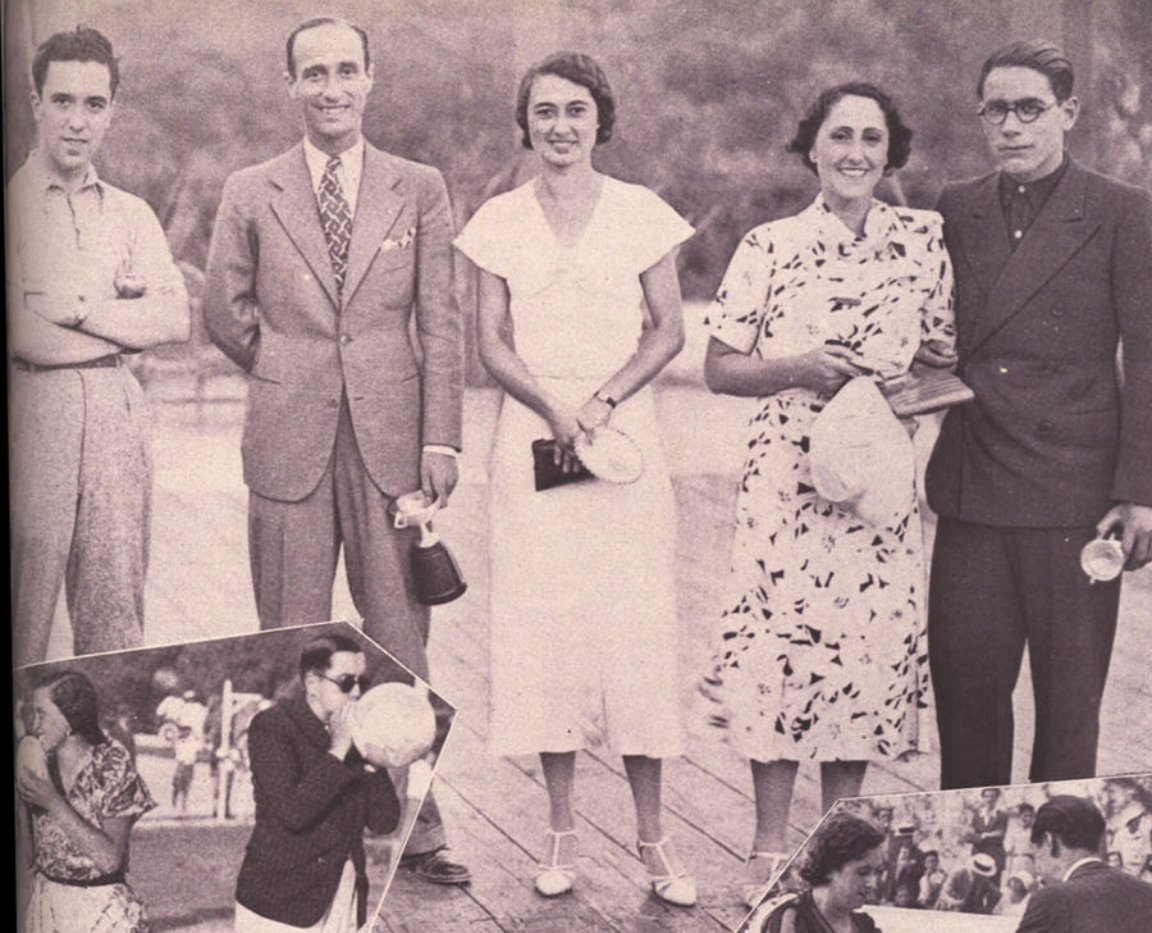
Mercedes Blasco.



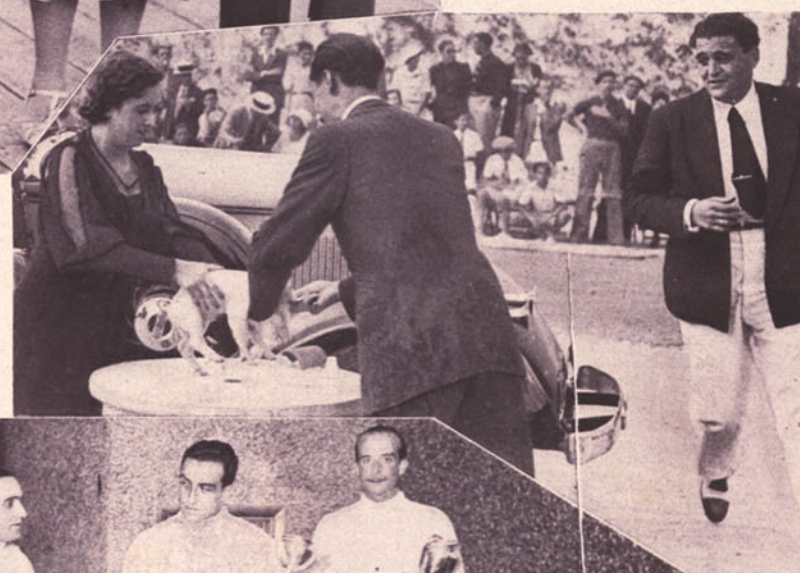

Médico Juiz Professor

O desporto no ESTORIL

"Gimkana" automobilista — Com um interessante programa efectuou-se no último domingo uma "gimkana" automobilista. A classificação foi a seguinte: 1.º, taça de prata ao sr. Salvador de Vasconcelos Pimentel e objecto de arte a D. Josefina Queiroz de Barros; 2.º, taça ao sr. Jorge Monte Real e objecto de arte a D. Maria Amélia Amaral; 3.º, taça ao sr. M-teus de Oliveira Monteiro e objecto de arte a D. Maria Craveiro Lopes.



Torneio de espada — No Cas'no, com a assistência do ministro da guerra, realizou-se um torneio de espada. Ficaram classificados: 1.º, Paulo de Eça Leal; 2.º, dr. Gustavo Carinhos; 3.º, J. Veiga Ventura; 4.º, dr. Sousa Uva; 5.º, tenente Aíves de Sousa; 6.º, tenente Campos Andrade; 7.º, Carlos Dias. O júri era formado pelos srs. Mário de Noronha, presidente; dr. Almeida Lima, capitão Ferreira Lima, dr. Samuel Pessoa e pelo distinto mestre de armas Carlos Gonçalves.





Uma obra, a todas as fútuas nolível acabi de ser posta à venda. Intitula-se «Com anos em defesa da Economia Nacional» e é seu autor o sr. Roque da Fonseca, que no campo económico tem dado provas de possuir uma vasta cultura do assunto. É um trabalho que constitui um valioso contributo para a história da vida económica portuguesa e mesmo da vida política e social.

Dividiu o sr. Roque da Fonseca o seu estudo em dois períodos, indo o primeiro, desde 1834 a 1854, época em que a Associação Commercial se dominava Associação Mercantil Lisboense. O segundo período abrangia a época de 1854 a 1870. Desde aquela data, depois de remodelados os seus estatutos primitivos, o grémio dos comerciantes passou a chamar-se Associação Commercial de Lisboa.

Está muito documentado e ilustrado o primeiro volume de tão útil obra. Dele extralamos alguns trechos dum dos seus mais sugestivos capítulos. Focam-se neles a acção e a actividade da Associação Commercial de Lisboa durante as tremendas calamidades que enlutaram o reinado de D. Pedro V.

Reproduzimos, também, quatro das desolito heliogravuras que acompanham o volume. Entre ellas, estampamos a que reproduz o célebre quadro de Columbano, onde se vêem as figuras de Mousinho da Silveira, duque de Palmela, duque de Saldanha e Silva Carvalho, homens públicos de quem a Associação Commercial recebeu grandes provas de deferência.

COMEÇARA a 16 de Setembro de 1855, o reinado do mais infornado dos reis. Inteligente, culto e bondoso, havendo recebido uma educação esmeradíssima que o preparara para as altas funções que ia desempenhar, amando verdadeiramente o seu povo — para a felicidade do qual se dispunha a intervir eficazmente na marcha dos negócios públicos — D. Pedro V tinha todas as condições para ser um grande chefe de estado.

Não o quiz assim o Destino, e o curto período que durou o seu reinado foi assinalado por desgraças de toda a ordem, que acabariam por

D. PEDRO V (Quadro de Rodrigues, existente na Associação Commercial de Lisboa)

subverter o próprio monarca, desaparecido aos 24 anos de idade entre a consternação profunda e a saúde imensa da nação.

Logo em Outubro — a um mês de haver subido ao trono! — o «cólera-mórbus», de que alguns casos se haviam dado anteriormente no país e que parecia extinto, recrudescia intensamente e tomava Lisboa de assalto.

O inverno que se seguiu foi duma inclemência como não havia memória. As inundações arrebatavam tudo, faz-não desmoronar muitos edifícios. As chuvas constantes que caíram durante semanas seguidas e as cheias que tudo arrasavam, haviam destruído as sementeiras, não permitindo que outras se fizessem. A epidemia do «cólera» juntava-se, assim, a miséria, com seu cortejo de horrores. Em Lisboa havia fome, e a Associação Commercial decidiu, tanto quanto as suas forças lho permitissem, enfrentar a situação, empreendendo uma «campanha humanitária» que havia de ficar como uma das mais belas e nobilitantes páginas da sua História.

A sua Direcção, à frente da qual se encontrava Sebastião José de Azevedo — que durante seis anos successivos presidiria aos destinos da corporação — convocou expressamente uma reunião extraordinária para se assentar na forma de minorar o sofrimento das famílias da Capital mais duramente atingidas.

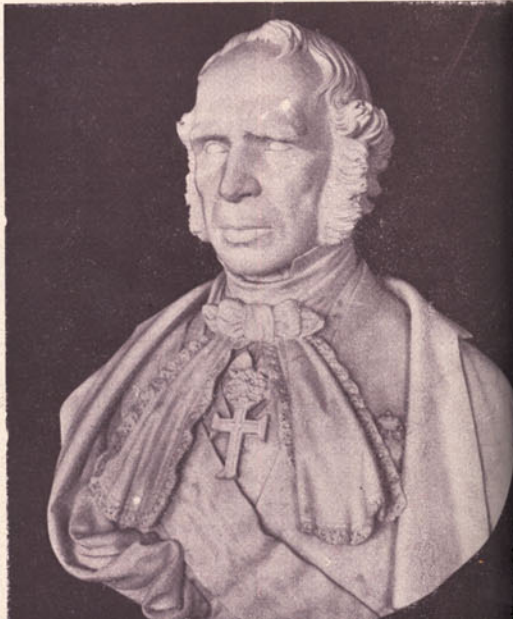
A iniciativa da Associação foi recebida carinhosamente, sendo em grande número as dedicações que se lhe depararam para levar a bom êxito objectivo tão altruista.

D. Pedro V, o rei tão rudemente provado pela adversidade, abriu a subscrição com a quantia de 500\$000 réis. Pelas

FRANCISCO ANTÓNIO DE CAMPOS
Primeiro Presidente da Associação Commercial de Lisboa

(Busto existente no Museu Municipal de Lisboa)

ficar como uma das mais belas e nobilitantes páginas da sua História.



UMA OBRA DE VALOR

O comércio de Lisboa no reinado de D. Pedro V

fólas da subscrição verifica-se que os primeiros subscriptores foram:

Sua Magestade El-Rei D. Pedro V.....	500\$000 réis
Sua Magestade El-Rei D. Fernando.....	300\$000 »
Sua Alteza Real o Infante D. Luiz.....	150\$000 »
Cardel Patriarca.....	50\$000 »
Camara Municipal d' Lisboa.....	500\$000 »
Banco de Portugal.....	1.000\$000 »
Associação Commercial de Lisboa.....	225\$000 »
Companhia das Lezírias do Trjo e Sado.....	67\$500 »
Companhia de Seguros Garantia (do Porto).....	45\$000 »
Companhia de Seguros Equidade (do Porto).....	45\$000 »
Companhia União Commercial e Bonaça.....	45\$000 »
Companhia de Seguros Segurança do Porto.....	45\$000 »
Companhia de Seguros Restauraço.....	45\$000 »
Companhia de Seguros Fidelidade.....	90\$000 »
Da Sociedade Deseseis de Setembro, da Bahia	167\$160 »
Visconde de Loures.....	100\$000 »
Barão de Rio Tinto.....	22\$500 »
Duque de Palmela.....	45\$000 »
Barão d' Gloria.....	100\$000 »
José Maria Eugenio d'Almeida.....	200\$000 »
Francisco da Costa Lobo.....	200\$000 »
José Izidoro Quedes.....	200\$000 »
Conde de Farrobo.....	36\$000 »
José de Sousa Lobo.....	100\$000 »
Visconde de Sá da Bandeira.....	9\$000 »
José Jorge Loureiro.....	9\$000 »
Anselmo José Braamcamp.....	9\$000 »
José Ribeiro da Silva.....	9\$000 »
Rodolgo da Fonseca Magalhães.....	9\$000 »
Visconde da Charrada.....	4\$500 »
José C. Reijo Feilo.....	4\$500 »
Bernardin Antonio Gomes.....	4\$500 »
Leon Amz-lack.....	4\$500 »
A. Van-Zeller.....	4\$500 »
Salomão Seruya.....	4\$500 »

Esta primeira subscrição atingiu a avultada quantia de 9.462\$000 réis.

Porque o pão faltava em muitos lares, iniciou-se imediatamente um serviço regular para a sua distribuição, como se verifica pelos mapas respectivos existentes no arquivo da colectividade. Por êles se constata que às segundas e quintas-feiras recebiam as freguesias de S. Vicente, S. Tomé, S. Miguel S. Lourenço, Santa Cruz e Santiago, Santo Estêvão, Santa Engrácia, S. Cristóvão, S. João da Praça, Santo André e Santa Marinha, 1,540 pães; às terças e sextas-feiras as freguesias da Sé, Madalena, Santa Justa, S. Nicolau, S. Julião, Conceição Nova, S. Paulo, S. José, Socorro, Pena, Santíssimo Coração de Jesus, Anjos e S. Sebastião da Pedreira, 1,720 pães; às quartas-feiras e sábados as freguesias do Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora dos Mártires, Nossa Senhora da Encarnação, Santa Catarina, Nossa Senhora das Mercês, S. Mamede, Santos o Velho, Lapa e S. Pedro em Alcântara, 1,960 pães. No documento a que se faz referência, estão indicados, ainda, os locais, onde a distribuição era feita.

Logo que a crise abrandou sensivelmente e veio o declínio do excessivo preço a que haviam chegado os géneros, foi suspensa a distribuição do pão em que se dispendeu 2.378\$745 réis. O saldo que restava na importância de 7.0840\$55, depositou-se no Banco de Portugal e ficou cons-

tituindo um fundo especial para ocorrer às necessidades dos desprotegidos.

Os últimos casos de «cólera» deram-se em Outubro seguinte, havendo sido de 3.275 o número de mortos em Lisboa, desde Outubro de 1856.

Não devia conservar-se muito tempo sem aplicação o dinheiro arrecadado. Pouco depois desencadeava-se a terrível epidemia da «febre amarela», e a Direcção da Associação, considerando os estragos que ella causava em todas as classes, principalmente nas casas que perdiam os seus chefes, resolveu unanimemente começar por enviar a quantia de três contos de réis ao Governador Civil do Distrito de Lisboa, para serem applicados a socorrer as famílias pobres e recolhidas que a epidemia reinante tivesse atacado e às quais escasseassem os meios de tratamento, ou «cujos chefes succumbiu ou haviam já succumbido, deixando ao desamparo orfãos e viúvas a quem seja indispensável socorrer desde já».

Foi então que D. Pedro V, rei fadado para tão triste reinado, revelou todas as suas altas qualidades de filantropia levadas ao sacrificio.

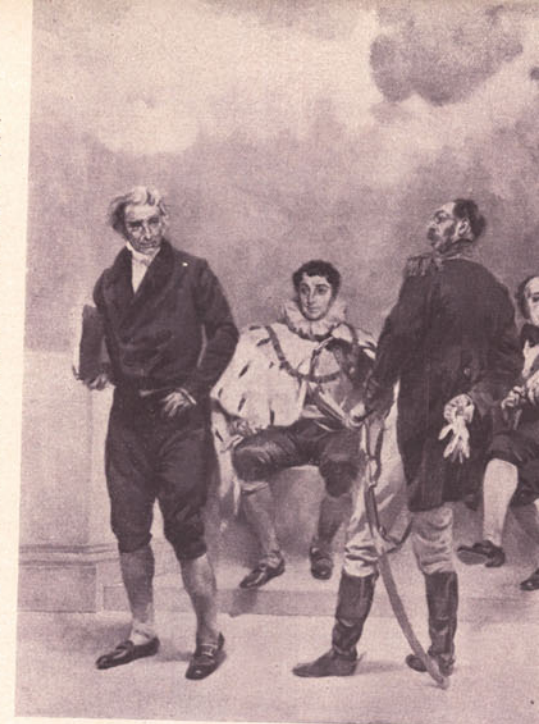
Não fugindo da peste, como outrora fizera D. Manuel, cedendo a favor das vítimas uma parte considerável da sua dotação, D. Pedro V acompanhou heróicamente os seus súbditos, visitando os epidémicos nos hospitais, confortando-os e prodigalizando-lhes auxílios, chorando com as viúvas e com os orfãos!

Os males causados pela «febre amarela» eram tremendos, e a Associação Commercial de Lisboa multipli-

SEBASTIÃO JOSÉ DE AZEVEDO

Presidente da Associação Commercial de Lisboa durante o reinado de D. Pedro V

(Quadro de Lacerda, existente na Associação Commercial de Lisboa)



MOUSINHO DA SILVEIRA, DUQUE DE PALMELA, DUQUE DE SALDANHA E SILVA CARVALHO (Quadro de Columbano, existente no Palácio do Congresso)

cava-se na obtenção de recursos, resolvendo abrir outra subscrição. Apesar da crise que se atravessava, de toda a parte se correspondia à sua benemerita acção, sendo de registar que, até nas nossas colónias e no Brasil a sua voz era ouvida. A segunda subscrição rendeu a importante quantia de 33.830\$000 réis.

A «campanha de benemerência» da Associação Commercial de Lisboa, levando a toda a parte onde lhe foi possível, um pouco de conforto e de pão, constituiu um alto exemplo de solidariedade, dado por uma corporação que não fóra criada para fins beneficentes, e fez cair sobre ella muitas bênçãos. Nas Côrtes, em sessão de 5 de Janeiro de 1858, António José d'Avila, Ministro da Fazenda, referindo-se a quantos haviam contribuído para minorar os sofrimentos causados por tal flagelo — a febre amarela atacou 18.000 pessoas e matou cerca de 6.000 — dizia: «Honra e Louvor aos indivíduos e corporações que, com os seus generosos donativos, vieram em socorro das infelizes victimas de tão grande calamidade. A imprensa tem publicado os seus nomes, à testa dos quais figura em primeiro lugar a Associação Commercial de Lisboa».

Eram sobremodo justas as palavras de António José d'Avila, bastando para as confirmar acentuar-se que as duas subscrições abertas pela Associação atingiram 43.292\$800 réis, e que, sendo o valor da libra ouro nessa data 4\$500 réis e 76 anos depois 180\$00, representariam 1.731 contos em moeda de 1934!

Não se exagera afirmando que a Associação Commercial de Lisboa, durante esse período de miséria, de dor e de luto, em que Portugal foi atingido por um sópro alanceante de tragédia, soube ser em tudo digna do grande Rei que passou como um meteoro pela terra portuguesa, deixando atrás de si um rasto de deslumbrante e inapagável fulgor!

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Morenó; Simões da Fonseca (poeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Ságuier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

IMPRESSA

Gazeta, de Ponta Delgada, e Revista Transatagana, de Évora. — Com regularidade, temos continuado a receber a visita destas publicações, em que, respectivamente, *Tobema* (...) e *Vida-lege* dirigem com muito agrado e brilhantismo as secções charadísticas que lhes estão confiadas. Agracecemos.

CORREIO

Lérias — Lisboa. — Muito grato pela valiosa colaboração enviada. Num futuro muito próximo a nossa secção será remodelada e, com a nova orientação, começaremos a fazer apuramentos semanais, em que concederemos prémios aos produtores e decifradores, para satisfazer os desejos não só do confrade como de outros que nesse sentido nos têm escrito.

APURAMENTOS

N.º 10

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BRAZ CADUNHA

N.º 20

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

VEIGA

N.º 22

OUTRAS DISTINÇÕES

Valério, n.ºs 9 e 21

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 23 pontos:

Aço, Africanista, Alfredo Antunes, Antomar, Bisnau, Edilva, Ferjohatos, Jôiete, Lérias, Linda Morena, Márius, Olho de Lince, Pecadora, Pérola Branca, Rei dos Cow-Boys, Rui Helmingo, Rupama, Sâcrista, Sinhá Duro, Somel, Tino de Obidos, Veiga, Zé Bo T. E. L.; Anastácio Angubelo, Fernambelo, Hary, Leiribóg, Lengueluca, Miquita, Miriam, V. Liás, Xicantunes (todos da T. M.); Zé Nabo, Deniz Lima (ambos da T. E.).

QUADRO DE MÉRITO

Apolo V, 21. — Ladocero, 20. — Verde Gaio, Ti-Beado, 19. — Justa, Oesav, Mimoca, Ignotus Sum, Néito, Viola (da T. B. C.), 17

DECIFRAÇÕES

1 — Quebra-brado-quebrado. 2 — Barda dada bardada. 3 — Capote-pote-capote. 4 — Epi-pico-épico. 5 — Talante. 6 — Gastador. 7 — Flapaquem. 8 — Conciliábulo. 9 — Ana. 10 — Paracamente. 11 — Recovo. 12 — Emaná-

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 17

ção. 13 — Venida-veda. 14 — Marreca-marca. 15 — Canalha calha. 16 — Legião-leão. 17 — Denododado. 18 — Maroçosomacos. 19 — Coteto-coto. 20 — CHEQUE. 21 — Ella. 22 — BEMDITO. 23 — Carregado de ferro, carregado de medo.

MEFISTOFÉLICAS

1) Eu logo calculei que tinha de me impor e considerar atentamente. (2-2) 3.

Coimbra

José Tavares

2) O jôgo da glória foi a causa da uinha ruína. (2-2) 3.

Luanda

Ti-Beado

NOVÍSSIMAS

3) Apesar de ser ainda novo, veneci sem pena um mais bello do que eu. 2-1.

Lisboa

Ferjohatos (T. E. L.)

4) Espiçaça-me a curiosidade, quem admite o remoque. 3-1.

Lisboa

Olho de Lince (T. E. — T. E. L.)

5) A posição defensiva da nação é formada

20) ENIGMA FIGURADO

VENUS dos Assuários

VENUS dos Assuários

GEN. 39/41

V. dos Assuários

Doridibiles (T. E. L.)

por uma milícia composta de cidadãos. 2-4. Lisboa Vidalegre (S. C. L.)

SINCOPADAS

6) Os sapatos não te servem devido a teres os pés grandes. 3-2.

Lisboa Africanista (T. E. L.)

7) Ambar amarelo, isso? Mas que grande treta... 3-2.

Lisboa Fernambelo

8) Dum furto ninguém se gaba. 3-2.

Coimbra Frangerque

9) A venda do caramelo aumenta consideravelmente no verão. 3-2

Lisboa Reinadio (S. C. L. — T. E.)

(Ao confrade e amigo «Fernambelo»)

10) E os paroquianos, atendes? 3-2.

Lisboa Xicantunes

11) É má sorte ter em casa certa ave doméstica do Peru. 3-2.

Espinho Zé Agá (T. C. B.)

METAGRAMAS

12) O meu destino traz-me a cara à banda! Até o meu fel «amor» já não é uma mulher formosa... (4-5).

Lisboa Frei Satanaz

13) Mete-lhe a cabeça e a cauda na caixa e dá com um cete nesse indolente! (4-5)

Lisboa Moreninha

EM VERSO

14) Pediste-me, gentil e delicada-mente. Com transadente interesse, a mera explicação Do amor... da afeição profunda-mente ardente

Que colhe de surpresa o ingénio coraçãol... — 2.

Essa curiosidade é natural: porém... Tenho pena de não te poder responder — 1

— Experimentemos Bel... amemo-nos também... [recer!]

V. S. Porto-Bié Efonza

LOGOGRIFO

(Ao confrade «Valério», agradecendo)

15) Quem dera ser poeta valoroso — [1-7-8-9-2-3

P'ra cantar da formosa Natureza, Num rápido soneto harmonioso, — [6-4-3-9-2

Seu falcore de divinal beleza.

E sem me enfiar, bem pressuroso. — [1-7-8-5-7-3

Cantaria, rimando, a singleza. Dêste jardim suave e esplendoroso. — [9-10-3-8-2

A nossa Terra, a terra portuguesa.

Contudo, mesmo assim, fraco, sem jeito. Sem valor p'ra criar tão lindo peito. Não deixarei em vão o meu desejo.

Este pobre soneto, sem valor, Resume em si o meu imenso amor! O Pátria cintilante, assim te beijo!

Lisboa Lérias (T. E. — T. M.)

ENIGMA EM VERSO

16) Sou uma espécie de guindaste. Com uma corrente muito comprida. Se a letra final for convertida Em um «i», eu então passarei a ser Espécie de cambisola rubra. Ou casquinho vermelho de mulher

Luanda Ti-Beado

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

CINEMA PORTUGUÊS

ALGUNS COMENTARIOS AO FILME "GADO BRAVO"

é, afinal, o ponto vulnerável da obra. Lento, por vezes rebuscado, há que ver não uma obra dramática, mas o pretexto para uma série de imagens excelentes.

Onde "Gado bravo" revela enorme avanço sobre todos os filmes portugueses que o precederam é na parte que se refere à técnica. António Lopes Ribeiro teve em Henrich Gärtner um colaborador valioso. Quanto o provado instinto de artista do realizador imaginou, foi realizado de maneira incomparável pelo fotógrafo.

Lopes Ribeiro, desde o primeiro momento em que se

documentário e, talvez involuntariamente, realista da obra. A verdade, porém, é que tais processos surtem efeito entre o público. E, de resto, parece-nos desculpável a tentação de pôr em jôgo, embora com modestia, tantos recursos ainda inéditos em filmes portugueses.

A interpretação é o que deve merecer mais reparos. Siegfried Arno dá-nos uma criação cheia de graça e vivacidade, inferior apesar disso a outras em que o temos admirado. Mesmo assim está muito acima de todos os outros intérpretes.

Oly Gebauer tem mais qualidades de sedução pessoal que de artista? Deve, porém, reconhecer-se-lhe disposições para a cena e um domínio de si própria que falta à maioria das actrizes portuguesas que têm tentado o cinema.

António Lopes Ribeiro



Nina Brandão está longe de nos satisfazer. Revela inexperiência. Tem apenas a figura suave e sensual que convém ao papel.

Raul de Carvalho vai mal. Debalde se procura descortinar no seu trabalho as qualidades apreciáveis que lhe reconhecemos no palco. A sua dicção, em especial, é falsa quanto pode ser. Se não vier a adaptar-se, há que confessar que o cinema não lhe convém.

Artur Duarte revela um perfeito à-vontade em frente do objectivo. A sua capacidade de expressão é muito limitada, mas não deixa por isso de ser um artista aproveitável.

Mariana Alves é graciosa e viva. Tem uma ou outra passagem menos feliz. Em conjunto, porém, o seu desempenho é bom.

Alberto Reis tem um papel ingrato. Fez quanto pôde para vencer as dificuldades e não destoou no conjunto. Armando Machado é, mais uma vez igual a si mesmo — igual na vida, no palco e no écran. Mas a sua uniformidade não é destituída de característico e isso lhe basta.

Quasi toda a música do maestro Luiz de Freitas Branco é agradável. A sonorização, porém, está longe de corresponder ao nível da obra.

Manuel L. Rodrigues.



Siegfried Arno

PÁGINAS DA MULHER



ela procure sempre adquirir mais conhecimentos, que escolhe autores, que pelo seu estilo e pelos assuntos que tratam, elevem o espírito, tem, forçosamente, uma elegância de pensamento que não pode ter aquela que faz a sua leitura apenas em romances idiotas, a maior parte das vezes, quando não são imorais, e sem valor algum instrutivo, nem artístico. Os hábitos têm também de ser elegantes e, sobretudo, as maneiras. Que importa que uma senhora vista com o maior luxo e no requinte da moda, se o que diz é grosseiro, se usa dum calão de viela de Alfama ou Mouraria, se as suas maneiras são falhas de graça e distinção? Essa "toilette", de luxo só servirá para pôr em relêvo a sua falta de elegância natural e verdadeira. A elegância é uma Arte que, como todas as Artes, quando não é uma vocação natural, necessita ser muito estudada. Nas vocações, como aos génios na Arte, admitem-se os exagêros e as extravagâncias; nas que o são pelo estudo, exige-se a correção e o meio termo. Uma mulher nascida num ambiente elegante, com uma grande fortuna, culta e elegante de maneiras, pode usar todas as extravagâncias da moda sem que deixe de ser distinta. Uma senhora que tenha uma vida mais modesta, que não tenha fortuna, não o deve fazer, porque essa "toilette", com o cunho que uma grande modista lhe dá, feita por uma vulgar costureira, toma logo o aspecto de trapallice e dá a quem o usa um ar suspeito, pouco senhoril. Isto no que diz respeito à "toilette". Mas temos ainda que atender muitas outras coisas. Para a mulher não é só preciso o vestuário, é também necessário ao quadro que ela deve ter, uma moldura condigna, que é a casa. No arranjo dum casa conhece-se logo a elegância dum mulher. Não são os móveis de luxo nem os os tapetes ricos, que dão a elegância. Há casas modestas que são elegantíssimas e a sua graça vem-lhes do gosto discreto, da verdadeira arte com que os móveis estão dispostos, com que os tecidos são escolhidos, da harmonia que há em tudo e que se harmoniza também com a mulher que nela vive, que forma o seu ambiente e que nele faz predominar o seu gosto. Conhece-se o carácter dum mulher e a sua elegância, pela maneira como se veste, como fala, como pensa e até pela casa que habita. Para aquelas que não nasceram naturalmente elegantes, deve haver o estudo do que é o saber viver harmoniosamente. É preferível sempre optar pela discreta modéstia em tudo. No vestir, no falar, no mobilar a sua casa. A mulher naturalmente dotada de "chic", que se quer exibir à força, torna-se notada pela sua maneira de ser, sem que para isso faça o menor esforço. A que se esforça por tomar um primeiro lugar, por

dar nas vistas, perde imediatamente o aspecto da verdadeira elegância de senhoril distinção, pode, quando muito, ter a elegância de artista ou de manequim, mas não é a essa que uma senhora deve aspirar. Ser elegante é ser simples, ter pensamentos elevados, maneiras naturalmente distintas, vestir com graça e discretamente, arranjar a casa com conforto e simplicidade e, sobretudo, ser coerente com a sua situação na vida. Pode ser-se elegante na mediania e muito banal na riqueza.

M. de E.

A moda

CONTINUA a voga das duas classes de vestidos e enquanto durar o verão não ha que saír disto. Vestidos de noite ou «toilettes» de praia e de banho de sol, o que quer dizer que a mulher século xx, não se veste durante o verão. Apenas uns ligeiros abaços para a noite e a pele curtidada pelo sol e pelo vento quasi não sente a brisa fresca das tardes nem mesmo a ar húmido das noites. A mulher elegante adquiriu uma resistência de velho marítimo, com o que a sua saúde muito tem a ganhar embora a sua beleza perdesse um pouco. Porque a verdade é que a mulher de pele negra e queimada não tem o mesmo encanto que tinha quando a sua pele branca e assetinada a faziam comparar à pétala da camélia. Mas modas são modas, quer dizer ordens que se não discutem e não ha uma única rapariga que possuindo a alvura da rosa, não esteja anciosa por se queimar ao ponto de se confundir com qualquer oriental de pele bronzeada. Damos hoje alguns modêlos das «toilettes» em voga. Para a noite um vestido em «Taffetas» côr de rosa dois tons. Recatadissimo nas costas é rematado por um laço elegantissimamente armado. Como abaço uma «jaquette» rosa coral guarnecida com uma linda gola de raposa. Para banho de sol, no campo, damos um lindo modêlo em «toile de soier» branca, muito decotado e sem mangas o que permite o banho de sol. Um grande chap u em palha azul escura, livra a cabeça e a nuca de sol, que agrada não só á senhora que o apanha como também ao fatinho borralheiro que a acompanha. Para praia um gracioso conjunto em linho branco com borlas vermelhas, para ser usado com o «maillot» de lã branca. O chapelinho no mesmo tecido completa a «toilette» mais simpática e interessante do que o pijama que já começa a estar um pouco fóra de moda, do que ninguém se queixará. Os chapêus de verão são quasi os da primavera. Marthe Valmont apresenta dois lindos «bretons». Um usado por madame Jean Olehanski, um grande «breton» em «bengale» natural, muito levantado na frente e que faz realçar a beleza loira desta senhora. O outro é em

UMA das maiores aspirações da mulher e ser elegante. É justo, porque a elegância é para a mulher a arte na vida, e, tudo que embeleze e torne mais agradável a existência, é um esforço simpático para a coletividade. Mas há várias maneiras de encarar a elegância e nem sempre elás estão em harmonia com o que deve ser. Há senhoras que pensam que o ser elegante é andar vestida à última moda, penteada e pintada como mandam os últimos ditames de Paris. Mas isso é apenas uma elegância exterior, que não é o bastante para tornar uma mulher distinta. A verdadeira elegância é a que vem de dentro. A elegância do pensamento, que se não contenta com um ideal baixo e apenas de materialismo. Numa mulher culta, que saiba escolher a sua leitura, que com





«fillaque», muito brilhante, tecido êste, feito de tirinhas lacadas.

O terceiro modelo é de Germaine Kaje. Um «qéret» de palha branca, muito flexível, que renova por completo a moda das «bérêts». Uma fita de «gras grain» preto guarnece-o graciosamente dos dois lados. É um chapéu original e muito gracioso. Todos estes chapéus têm um cunho de marcada elegância.

As invenções e a sociedade

PIERRE LOUIS — o autor de «Afrodite» — escreveu uma graciosa novela para provar que o uso do cigarro era o único prazer novo, que a humanidade descobriu, depois do fim do mundo antigo. Êste romancista que desapareceu há anos não imaginava que o mundo moderno achasse nada melhor que o cigarro, mas teria de admitir que a grafonola e a radiofonia trouxeram uma novidade à nossa vida. A êste propósito pretende-se que Edison, no momento de montar o fonógrafo deplorou ter chegado tão tarde a um mundo tão velho. Queria exclaimar «a luz existe» e fechar na sua máquina todas as frases históricas, das quais se envaidece a humanidade. Hoje esta invenção está banalizada e vencida pela invenção de Marconi. Nos discos podemos ter fechada à chave a nossa voz, como temos o nosso dinheiro e os nossos vestidos, e — coisa impressionante — ouvir a voz dos que repousam no grande silêncio da morte. Mas a humanidade actual acorda aquelas vozes porque tem o horror do silêncio. Que terrível estado moral implica êste pânico interno do homem, que apenas se encontra só consigo próprio corre à caixa de música, grafonola ou telefonia, para se não concentrar com os seus pensamentos! Dantes quando se entrava no salão duma senhora, procurava-se passar o tempo com a conversa e com o «flirt» ou com qualquer arte discreta e delicada. Agora essa senhora prepara «coktails», os convidados andam dum

lado para o outro, ouve-se subir da rua um barulho incessante, devido à velocidade das ondas, ao rugido dos «clackons». Um dos convidados sem pedir licença a ninguém abre a negra caixa do gramofone ou volta o botão da telefonia e sai um tango ou um fox-trott ou algum nostálgico canto javanês. As visitas levantam-se e começam a dançar. Os sentimentos da senhora de hoje não são muito diversos dos da sua avó, mas a de agora faz parte dum grupo ou duma tribú. As amigas numerosas substituíram o círculo familiar, o disco e a telefonia, o piano, a animação da sociedade, a doce melancolia da solidão. O gramofone e a telefonia são os símbolos desta transformação. A nova humanidade

vive em meio dos rumores de todo o género, suporta-os ou procura-os. Mas o que será a terra no dia em que o homem se tenha tornado uma simples máquina de pensar e combinar trocas de energia? Uma grande maçada com certeza e sem interesse algum espiritual.

A importância da cosinha

MESMO nas mais tristes épocas — escreve Jean Bernard no «Soir» — os parisienses passaram de comer bem e beber melhor. Um inglês que veio a Paris durante os trágicos acontecimentos da revolução, depois de ter assistido em 21 de Janeiro de 1793 à execução de Luiz XVI, perguntou a um sargento da guarda nacional, qual era o melhor restaurante de Paris. Este indicou-lhe o «Palais Royal», freqüentado por Danton, onde a cosinha era excelente e muito cuidada. Foi justamente em Janeiro de 1793, que apareceu uma edição da «Cuisine Bourgeoise» um volume de 360 páginas com as últimas receitas dos pratos de maior novidade. Esta edição hoje raríssima é classificada nas coleções como «edição vermelha». Enquanto o marido discutia na Assembleia, a «cidadã» ficava em casa a preparar-lhe petiscos, seguindo as receitas desta «Cuisine Bourgeoise». A Convenção tinha suprimido o qualificativo de criado, para o substituir pelo de oficioso, mas a cosinheira manteve o seu título. A mãe do Regente escreveu nas suas «Memórias»: «Como só todo o ano, faço-o o mais depressa possível. Nada ha de mais desagradável do

que termos em volta vinte criadas, que olham tudo o que metemos para a bôca. Apenas estou meia hora à meza. A' noite ceio com o Rei. Sômos cinco ou seis à meza. Mantem-se um silêncio como num convento, apenas se trocam algumas palavras em voz baixa». É evidente que a princesa não conhecia a bôa alegria burguesa, às vezes um pouco grosseira, mas que entre dois pratos encontra lugar para uma facécia picante, ou uma alegre canção. A cosinha francesa subsiste ainda e os seus cosinheiros mantêm a tradição.

A mulher e o trabalho

EM Paris aumenta sempre o número de mulheres que trabalham e a máquina não diminui a mão de obra feminina. Basta entrar numa fábrica de tecidos onde gira uma centena de máquinas com um rumor contínuo e ensurdecedor. As mulheres que ali trabalham com uma bata de linho vestida, com um pequeno instrumento na mão, correm dum lado a outro da máquina. A fita de linho enrola-se, torce-se, aperta-se. Torna-se corda, depois cordel e depois fio. Quando o fio se parte a mulher apanha as pontas e com os seus dedos ágeis e o seu pequeno instrumento faz rapidamente um nó invisível. O mais penoso é a fabricação de certos fios que se não podem retrocer senão passados no vapor, o que obriga as operárias a viver numa atmosfera de humidade.

Depois há as que estão empregadas na confecção do tecido, que, curvadas sobre grandes mesas, preparam o trabalho para a máquina. É a rapidez dos movimentos que prova a capacidade das operárias. Há as que ganham mil francos por mês e o ordenado mínimo é de 600 francos por mês. Numa pequena aldeia próximo de Donai não se vê uma rapariga pelas ruas. Todas as que têm mais de 15 anos estão empregadas na fábrica de porcelana. Nos arredores de Paris há mulheres de aspecto delicado que fazem trabalhos de colosso. Nas oficinas cortam pedaços de aço com mão segura. Uma delas a quem perguntaram se estava cansada no fim do dia respondeu. «Ainda o pergunta? E quando chego a casa tenho de lavar as crianças e fazer a sopa. Mas é preciso viver».





Flagrante contraste — a locomotiva de 1908 e a de 1934

A acção do Caminho de Ferro do Vale do Vouga

DATA de 1906 a inauguração do primeiro troço da linha ferrea do Vale do Vouga, entre Espinho e Oliveira de Azemeis.

A despeito das dificuldades naturais na sua construção, facilmente compreensíveis pela acidentada região atravessada, com vales profundos em todo o percurso do que resultam sensíveis diferenças nas respectivas cotas de nível, de sete metros em Espinho e mais de quinhentos, perto de Viseu, com altos e baixos, desde o ponto de partida ao terminus, foi constantemente progredindo, penetrando a pouco e pouco nesta privilegiada região, tão cheia de naturais encantos que, sem favor, a consideram já um dos mais atraentes pontos turísticos do País.

Foi em 1914, seis anos, portanto, depois, que se inaugurou o seu último troço, e durante este tempo foi-se acentuando simultaneamente o progresso das indústrias, agricultura e comércio de toda a vasta zona que elle serve.

A acção da Companhia do Caminho de Ferro do Vale do Vouga merece especial registo pelo muito que tem contribuído para o desenvolvimento turístico deste abençoado rincão da terra portuguesa, aperfeiçoando cada vez melhor os seus serviços, reparando e substituindo, quando necessário, o seu material fixo e circulante, a ponto tal que conseguiu já um serviço de comboios rápidos e cómodos, que encurtou em mais de três horas o percurso Viseu-Espinho.

Reduziu a duas classes, 1.^a e 3.^a, as três que existiam, estando hoje as tarifas daquela inferiores á antiga segunda, e isto sem prejuizo das comodidades dos passageiros, porquanto foram as carruagens dotadas, todas elas, com aquecimento no inverno e uma boa iluminação. Dispõe ainda de um incedível serviço de almoços e jantares, servidos nas próprias carruagens de qualquer das classes, primorosamente cosinhados, ao preço de dez e doze escudos, respectivamente, incluído o vinho da região.

Foi ainda esta Companhia a primeira a estabelecer, em 1927, um serviço periódico de excursões aos mais notáveis pontos desta zona, tão rica de paisagens belas, obras de arte e monumentos, tendo iniciado a partir de 1929 os bilhetes especiais com cinquenta por cento de redução.

Largamente compensados teem sido estes esforços pela sempre progressiva concorrência de forasteiros, estrangeiros e nacionais, que se tornaram os mais activos propagandistas deste abençoado rincão da nossa terra.

Se o que a Companhia do Vale do Vouga tem feito em matéria de turismo, não é menos importante a sua influência na agricultura e nas indústrias que se desenvolveram prodigiosamente, mercê das facilidades de transportes que lhes foram proporcionadas, sujeitos a tarifas que têm sido sempre conscienciosamente estudadas. Que o digam os frutos, o milho e vinho, transportados hoje para toda a parte e que o atestem os grandes centros fabris espalhados por toda a região, a partir de Espinho, com escala por S. João da Madeira, Oliveira de Azemeis, Albergaria, Agueda e Aveiro, citando apenas os mais importantes, até Vizeu.

No intuito de ligar os seus serviços de passageiros e mercadorias com os das demais Companhias, nomeadamente a Portuguesa e a do Norte,

que de sobra conhece já os assinalados serviços que lhe deve a Economia Nacional.

O brilhantismo que revestiu a inauguração da Exposição deve ter satisfeito por completo os seus organizadores, que assim acabam de ver coroada do melhor êxito a sua patriótica iniciativa.

Constituiu para muitos uma verdadeira revelação das possibilidades desta privilegiada região a sua interessante representação industrial, agrícola e turística.

Na justa compreensão do papel que tem a desempenhar na economia regional a Companhia dos Caminhos de Ferro vai pondo em execução o seu vasto programa de realizações conducentes á valorização do Vale de Vouga.



O «stand» da Fábrica Progresso

Existia ainda no passado ano em Espinho a fábrica de esmaltagem Progresso, que conseguira marcar uma situação de real destaque na indústria nacional.

Um pavoroso incêndio reduziu-a a cinzas quasi totalmente, mas a energia, aliada a invulgar facilidade de trabalho e de tenacidade de Manoel Francisco da Silva, seu director gerente, conseguiu vencer as tremendas dificuldades apresentadas, e assim, aproveitando a pequena parte que as chamas pouparam e alguns barracões que á pressa se improvisaram, continuou-se a fabricação, ao passo que simultaneamente começava a erguer-se o novo edificio e ainda dentro do corrente ano a Fábrica Progresso se encontrara instalada de harmonia com a importância que este estabelecimento industrial atingiu.

O «stand» da Fábrica Progresso apresenta, além de um belo cofre de ferro, de um lado, uma bem sortida secção de esmalte, a que não falta o mais insignificante objecto de utilidade doméstica e do outro, a secção, igualmente completa, de artigos de aluminio fôsko e polido.

Viuva de António Fernandes de Sousa, de Espinho

Numa elegante «vitrine» no centro da qual gira um eixo sobre o qual assentam prateleiras de cristal apresenta esta fábrica uma interessante e completa colecção de escôvas, pinceis e espanadores para todas as applicações, desde os mais simples aos mais luxuosos, podendo competir sem receio com os seus similares estrangeiros.

E' a única no País, a fabricar bons pinceis para barba e obteve na Exposição Industrial de Lisboa a medalha de ouro.

As madeiras de Gomes & C.^a Ltd.^a

Interessante a todos os títulos o «stand» da Serração e Madeiras desta firma com sede em Espinho e que vai irradiando a sua acção, não só por todo o País, como ainda pelo estrangeiro.

Possue fábricas em Gaião, Oliveira de Azemeis, Campanhã, Barroselas, Viana do Castelo e dependente de aprovação, uma outra em Barcelos. Tem também armazens em Viana do Castelo, Matosinhos, Espinho, Santa Comba Dão e Vila Real de Santo António. Como demonstração da sua capacidade basta considerar que lhe cabem 95% da produção destinada á Espanha continental, Canárias e Marrocos. É completa a colecção, apresentada neste «stand», de barricas e caixas dos mais recentes modelos destinadas ás embalagens de bananas, tomates, ovos, figos, laranjas, uvas, batatas, conservas, vinhos e ainda fotografias das suas várias instalações e gráficos deveras elucidativos.



adquiriu seis esplêndidos auto-cars que satisfazem completamente o objectivo em vista.

O actual Conselho de Administração da Companhia dos Caminhos de Ferro do Vale do Vouga tem como Administrador-Delegado o sr. engenheiro Francisco de Lima, que não tem descurado um só momento a sua propaganda. Foi no ano findo que ela organisou e realizou, com o exito de todos conhecido, o Congresso Regional Ferro-Viário e a Exposição que se lhe seguiu e já, transcorrido apenas um ano, consegue pôr em pé, com maior brilhantismo ainda, a Exposição Regional do Vale do Vouga e a que nos referiremos com o desenvolvimento que merece.

A obra desta Companhia está bem á vista de todos, tornando-a credora da atenção do Estado



Espinho-Praia

O novo, elegante e luxuoso Casino



Formosas mulheres, toilettes lindas, luz a jorros, música, alegria, entusiasmo, eis as principais características das festas constantes do grande Casino de Espinho

ESPINHO acaba de acordar daquele sombrio pesadelo do antigo edifício a que se convençionára chamar Casino, e que desapareceu, para prestígio da formosa praia que os seus frequentadores e visitantes tão justamente apreciam. A arrojada iniciativa, que um grupo de homens desempoeirados, levou a bom termo, proporcionando-lhe o novo Casino — agora sim, é que cabe aqui esta denominação — representa uma reparação justa que esta linda terra bem merecia.

Em tão curto espaço de tempo ninguém poderia ter feito nem mais nem melhor. Dir-se-ia obra de

progresso e desenvolvimento a que tem incontestável direito e que muito contribuirá para as prosperidades locais.

cionam o máximo da comodidade. É neste Salão que o Casino realiza constantemente, dia e noite, as suas variadíssimas festas, de cujo brilhantismo se tem ocupado a Imprensa, com geral satisfação da colónia balnear desta praia. Bailes de gala, soirées de homenagem às colónias estrangeiras, bailes infantis e tombolas, charleston com valiosos brindes, concertos pela orquestra do Casino, dirigida pelo professor Henrique Barbosa, vão-se repentindo com crescente animação, alegria e entusiasmo.

E' dentro d'este programa, aperfeiçoando-o constantemente, que a Espinho-Praia vai marcando a sua posição, com unanime agrado da população, banhistas e visitantes. A gerência actual entrou, como se costuma dizer, com o pé direito e deu já um grande passo no caminho que tem de trilhar e, estamos bem convencidos, há de resolver todas as dificuldades e transpôr os vários obstáculos que uma obra desta magnitude sempre acarreta.

Vai nisso o seu interesse próprio e ainda o de Espinho, a linda terra que bem merece ser tratada com todo o carinho.



Bar e sala de fumo do andar nobre

milagre, feitiço de varinha de condão, mas a verdade é que bastavam, para o conseguir uma clara visão das necessidades desta privilegiada zona, um senso prático de realizações e um inteligente critério na escolha dos colaboradores.

Não é fácil de prever, a quem entra pela vez primeira o portão do Casino de Espinho, o que lá dentro vai encontrar, em conforto, comodidade, elegância e luxo.

Uma visita às suas instalações, que nos deixa deveras surpreendido, dá-nos logo a impressão nítida que andou por ali mão de Mestre. A artística decoração das várias salas, o luxo do mobiliário que as guarnece, o deslumbramento das iluminações, tudo conjugado na melhor harmonia dão a este Casino, sem possível contestação, um lugar de destaque na primeira fila dos seus congéneres onde quer que se encontrem.

Confiada a sua gerência a Júlio de Resende e aos irmãos Crespo, Armando e Arnaldo, legítimos técnicos nestes assuntos, e a decoração artística à casa Venâncio do Nascimento, já de há muito consagrada por outras obras, também de grande vulto não se torna ousado vaticinar que a Espinho Praia encontrou, enfim, os tímoneiros de que necessitava para a fazer singrar com êxito, em busca do

dependências os escritórios do Casino, os da Fiscalização do Estado, tabacaria, barbearia e engraxadoria. Sobre se agora a larga e alcañifada escadaria que conduz ao vasto Salão Nobre e já ela nos promete a maravilha — não é exagerado o termo — que ali se vai admirar. As madeiras contraplacadas, os motivos decorativos em reluzentes metais, os veludos dos resposteiros, o luxuoso mobiliário e a iluminação profusamente projectada pelos mais modernos sistemas, tornam este Salão um dos mais completos que hoje existem em estabelecimentos desta natureza. Dispõe também, em salas adjacentes, de um elegante bar e de um gabinete de fumo, em que largos e cómodos mapeles propor-

Aspecto exterior do novo Casino



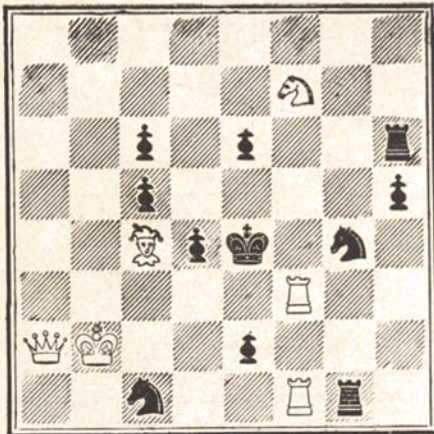
PIM DE PESTA

Problema de xadrês

(por F. Blake)

Branças — 6

Pretas — 11



Jogam as brancas e dão mate em dois lances.

A seita dos «encamisados»

Pelos fins do século XVII, e ao clarão das guerras sustentadas por Luiz XIV, em consequência da revogação do Editto de Nantes, appareceu em França uma seita que se distinguia por usar sobre o fato uma camisa branca.

O maior desenvolvimento das suas crenças, operou-se nos anos de 1701 e 1702, graças ás prédicas de um tal Turien, cujos adeptos se insurgiram ao grito de: — «Não mais impostos e liberdade de consciência»

Esta seita, extincta em 1705, foi conhecida sob o nome de *seita dos encamisados*, designação que a história lhe conserva. Os seus fins eram mais políticos do que religiosos; não obstante, á sua sombra progrediram muito os dogmas calvinistas.

O espírito inglês

Senhora, animada das melhores intenções para entrar em conversação com literato celebre que acabou de lhe ser apresentado: — Eu sempre tenho pensado que alguns livros são melhores do que... do que... outros — não é verdade!

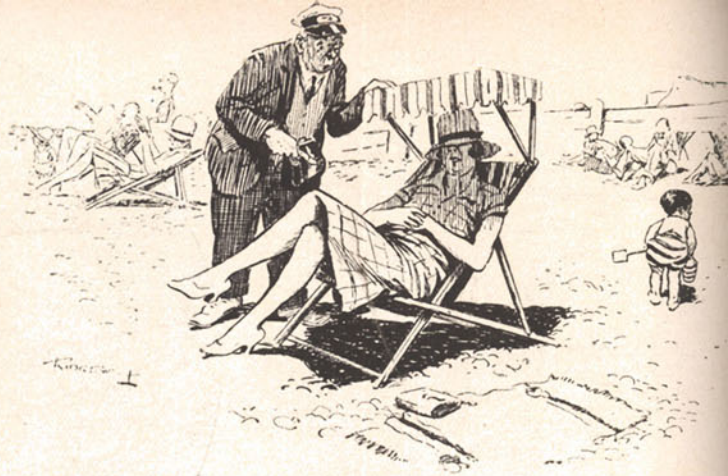
(Do «Punch»)



Quantos habitantes há na terra?

A julgar pelas estatísticas que, aliás, não oferecem garantias definitivas de exactidão, a Terra estaria povoada por dois mil milhões de seres humanos.

Nesta totalidade, a Asia figura com uma população de 1.100 milhões de habitantes; a Europa, com 500 milhões; a América com 250 milhões; a Africa com 140 milhões e a Austrália com 10 milhões.



A mai julgando falar com o petiz: — Deixa-me em paz Zéquito, senão apanhas um sopapo!

Problema de bridge

Espadas — A. V.
Copas — 5.
Ouros — R. D.
Paus — 10, 8.

Espadas — R. 2.
Copas — 8.
Ouros — V. 9, 8.
Paus — 9, 7.

Espadas — 4, 3.
Copas — 6, 3.
Ouros — 7.
Paus — 6, 5.

Espadas — D.
Copas — 8, 4.
Ouros — A. 10, 3, 2.
Paus — 10, 8.

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer as vasas todas.

(Solução do número anterior)

S	O	N	E
D. p.	2 p.	A. c.	4 p.
9 p.	8 p.	R. c.	6 p.

S joga o 10 de copas. O balda-se a ouros ou espadas e N ao 3 de ouros.

S joga o 9 de copas. O balda-se segunda vez a ouros. N balda-se ao 2 de espadas. Se O se baldasse duas vezes a espadas ou uma vez a espadas e outra a ouros, N baldava-se ao 4 de ouros.

S joga espadas e N faz as restantes vasas

Cada um sua mania...

Luiz XVI, o desventurado rei de França, cuja cabeça rolou no cadafalso, tinha duas grandes paixões: forjar ferro e caçar. Um investigador histórico apurou que, durante os seus quatorze anos de rei absoluto, dedicou á caça mil quinhentos e sessenta e dois dias. Maria Antonieta tinha por seu turno, as paixões dos jogos de cartas e das corridas de cavalos, que então se inauguravam em França e a que ela deu um grande impulso.

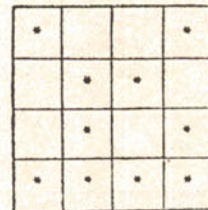
Problema de damas

(Solução)

Jogar da seguinte maneira: 6 10, 14 — 18, 21 17, 13 — 22, 10, 15, 18 — 23, 15 e 18. Ganham as brancas. Os quatro movimentos indicados para as brancas, são os únicos que as podem fazer ganhar.

Os dez tentos

Copiem em ponto maior, este diagrama de 16 casas, que junto aqui se vê e coloquem um



tento em cada uma das casas onde está uma estrela. Verão que são dez as filas — horizontal, vertical e diagonalmente — contendo cada uma dois ou quatro tentos.

O problema consiste em encontrar outra disposição dos

tentos da qual resulte, o maior número possível de filas, contendo cada uma delas um número par de tentos.

As perguntas intermetidas

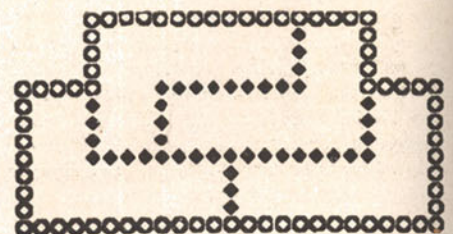
Entre os soldados que compunham o numeroso exército de Frederico; o Grande, havia muitos que, de nacionalidade estrangeira, não sabiam senão muito imperfeitamente o alemão. Por isso, era costume fazer aprender de cór a esses homens uma série de respostas ás perguntas que o rei lhes dirigia, quando passava revista aos regimentos, o que sucedia a miúdo, principalmente aos da sua guarda. O soberano costumava pe lir estas informações: «Que idade tens?» «Ha quanto tempo estás ao meu serviço?» «Recebes regularmente o teu soldo e o teu pão?»

Um dia, o rei mudou a ordem habitual das perguntas e travou-se o seguinte diálogo entre elle e um soldado, francês de origem: «Ha quanto tempo estás ao meu serviço?» — «Vinte e um anos, meu senhor». Como o rapaz parecia ser muito novo, o rei mostrou uma certa surpresa. «Mas, então, que idade tens?» continuou o rei. — «Um ano». — «Algum de nós está doido!» exclamou Frederico. «Ambos, meu senhor».

O rei e os que o acompanhavam desataram a rir da insolência involuntária do soldado, ao declarar diante do regimento inteiro, que o rei estava doido.

Problema geométrico

(Solução)



Grande sucesso literário

A VENDA O 3.º MILHAR

É A GUERRA

Diário da grande conflagração europeia

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 304 págs., brochado 12\$00
encadernado 17\$00



PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA



Em quantos dias de calor

uma mulher se não vê obrigada a executar, como sempre, os seus trabalhos por vezes duríssimos, que só por si seriam suficientes para cansar o organismo do homem mais robusto! Fim do trabalho, as horas livres não oferecem à mulher o repouso suficiente, porque são múltiplas as dores e males que a apoquentam, e, além disso, os dias de calor causam-lhe um certo desequilíbrio geral. Nesses casos, 2 comprimidos de Cafiaspirina produzem um efeito milagroso, porque tiram o cansaço e o estado de prostração, proporcionando-lhe o bem estar.

Cafiaspirina

o produto de confiança

solos

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado
6\$00

Depositária: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Doces e Cosinhados

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR **ISALITA**

1 volume encader. com
351 páginas..... **25\$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAGRES



Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 — 2 4172 — P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

**O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —**

CONSULTEM A SAGRES

**INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES**

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (4.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS
RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior de África, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado,
encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA



UMA SAÚDAVEL CRIANÇA

"A minha filhinha está encantadora, e uma criança alegre e saudável graças à deliciosa "Ovomaltine" que lhe ajuda o crescimento e a faz feliz."

Isto escreve a mãe desta alegre pequenina. Para ela a "Ovomaltine" é o alimento ideal, durante o desenvolvimento da criança, porque concentra em si todos os elementos nutritivos de que carece o seu crescimento, dando-lhe toda a energia para os seus poucos anos.

Dai "Ovomaltine" aos vossos filhos e sereis felizes.

OVOMALTINE

é a saúde

DR A. WANDER, S. A. — BERNE

A venda em latas de 110, 250 e 500 gr., respectivamente aos preços de Esc. 9\$50, 18\$00 e 34\$00

Únicos concessionários para Portugal
ALVES & C^o (IRMAOS)
Rua dos Correios, 41 2^o — LISBOA